

O LEGADO DE VARGAS



“Não querem que o
trabalhador seja livre.
Não querem que o povo
seja independente.”

Getúlio Vargas

APOIO

Correio da Manhã



**EDIÇÃO GRÁFICA DO ATO PELOS 70 ANOS DA MORTE DO
EX-PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS, REALIZADO NA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE IMPRENSA, EM 23 DE AGOSTO DE 2024**

Expediente

Edição gráfica do ato pelos 70 anos da morte do presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954. Com o apoio do jornal *Correio da Manhã*, o ato foi realizado em 23 de agosto de 2024, no auditório do 9º andar da sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro. O evento contou com a presença de jornalistas, historiadores, economistas, lideranças partidárias, representantes de movimentos sociais, sindicalistas, estudantes e familiares. O bisneto do ex-presidente, Jonathan Vargas, representou a família Vargas. O evento foi transmitido ao vivo pelo canal ABI TV no YouTube, onde a gravação está disponível.

DIRETORIA DA ABI (2022-2025)

Presidente Octávio Costa.

Vice-presidente Regina Pimenta.

Diretor Administrativo Moysés Corrêa.

Diretor Econômico-Financeiro Geraldo Mainenti.

Diretora de Cultura e Lazer Iara Cruz.

Diretor de Jornalismo Moacyr de Oliveira Filho.

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente Marcos Gomes.

1º Secretário Laurindo Lalo Leal Filho.

2º Secretário Terezinha Santos.

CONSELHO CONSULTIVO

Ana Arruda Callado, Ancelmo Gois, Gabriel Romero, José Trajano, Luiz Guilhermino, Maria Inês Nassif, Tereza Cruvinel.

CONSELHO FISCAL

Luiz Gonzaga Belluzzo (presidente), Claudia Bensimon Gomes, Inaê Amado, José Mello, José Paulo Kupfer, Luis Nassif, Malu Martins.

COMISSÕES

Comissão de Sindicância Beatriz Santacruz

Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa e dos Direitos Humanos Regina Pimenta (presidente).

Comissão de Ética dos Meios de Comunicação Regina Pimenta (presidente).

Comissão de Igualdade Étnico-Racial Luiz Paulo Lima (coordenador).

Comissão de Educação Vitor Iório (coordenador).

Comissão de Tecnologia e Inovação Lia Ribeiro Dias (coordenadora).

Comissão de Meio Ambiente Zilda Cosme Ferreira (coordenadora).

Comissão de Relações Internacionais José Reinaldo (coordenador).

Comissão da Mulher e LGBTQIAPN+ Glória Alvarez (coordenadora).

Representantes da ABI nos Estados Fabio Costa Pinto (Bahia), Salomão de Castro (Ceará), Armando Rollemberg (Brasília-DF), Moisés Mendes (Rio Grande do Sul), Mariana Valadares (São Paulo).

Equipe de Apoio da ABI Alice Barboza Diniz, Lenildo Muniz de Farias, Marcelo Farias Cardoso de Moura, Renata Amoedo e Robson de Almeida Ramos.

Comissão Organizadora do Evento Iara Cruz, Marcos Gomes, Octávio Costa, Osvaldo Maneschky, Vitor Iório e Vivaldo Barbosa.

Técnico de Informática Henrique Roque.

Edição e Projeto gráfico Geraldo Cantarino.

Agradecimento Cláudio Magnavita, diretor de redação do jornal *Correio da Manhã*, pelo patrocínio.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

Rua Araújo Porto Alegre, 71 – Centro,

Rio de Janeiro – RJ, Cep: 20030-012

Telefone: (21) 97222 1292

www.abi.org.br



Copyright © by ABI, 2024.



Card de divulgação do ato na ABI, distribuído por aplicativos de mensagens, redes sociais e e-mail.



Foram realizadas três Mesas de Debates. Na primeira, presidida pelo coordenador da Comissão de Educação da ABI, Vitor Iório, participaram o presidente da ABI, Octávio Costa, e o professor Darc Costa, ex-vice-presidente do BNDES e professor da ESG. Também foi exibido um vídeo com o depoimento da presidente da Petrobras, Magda Chambriard.



Na segunda Mesa, presidida pelo jornalista Osvaldo Maneschky, falaram Fernando Siqueira, vice-presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET); o ex-deputado federal Vivaldo Barbosa, presidente do PTB; o jornalista Lucas Alvarez; e Henrique Matthiesen, diretor do Centro de Memória do PDT.



Na terceira Mesa, presidida pelo presidente do Conselho Deliberativo da ABI, Marcos Gomes, participaram o radialista Roberto Salvador e o bisneto de Getúlio Vargas, Jonathan Vargas.



GETULIO VARGAS E A A.B.I.

O PRESIDENTE DE HONRA

Não foram poucos os contatos que manteve o Presidente Getúlio Vargas com a Casa do Jornalista, durante os dois períodos em que dirigiu os destinos da nossa Pátria. Vitorioso o movimento revolucionário de 1930, as funções recíprocas do Governo e da imprensa tornariam esses contactos assíduos, para que deles resultassem maior produto no exercício das missões de cada uma das instituições perante a Nação. Em setembro de 1931 o Presidente Vargas, pela primeira vez, participava de um almoço comemorativo do Dia da Imprensa. Foi o início do contacto celebrado entre a sua gestão e a imprensa. Saudado na ocasião, por vários jornalistas, diretores da ABI, o Sr. Getúlio Vargas agradeceu a homenagem, assim se expressando:

"O jornalismo, no Brasil, já centenário, firmou-se com caráter periódico, nos pródomos das lutas pela Independência. Nasceu, então, sob o influxo de um ideal de liberdade, para servir uma grande causa. Criada a Pátria, tem acompanhado o evoluir da nacionalidade ininterruptamente, propagando por todos os nobres reivindicações populares. Para o advento de 7 de abril, primeira sessão consociada de brasilidade, jornais que legitimou a Independência, nacionalizandoo, a imprensa cooperou com bravura. Colaboradora da vitória de todas as cruzadas liberais, a ação que desenvolveu na campanha abolicionista teve o efeito de uma catapulta irresistível e demolidora, precipitando o 13 do maio. Assim, foi, também, na proclamação da República. Assim tomou, sempre, no Brasil, a função do jornal, acompanhando com serenidade as vicissitudes da Nação, compartilhando, sem desesperança, as saudades provocadas pelos dias nefastos e vibrando de patriótico entusiasmo nas ocasiões de glórias e de trinitos".

Foram as crônicas salutaras ditas na intimidade dos jornalistas por aquele homem de estado. Os homens de jornal, naquela tarde, proclamaram-no Presidente de Honra da Casa do Jornalista.

Em 1932, ao se discutir o projeto Levy Carneiro, a ABI viu vitorioso seu ponto de vista no estabelecimento de imprensa, merecendo do Sr. Getúlio Vargas o seguinte depoimento:

"A imprensa deve nesta emergência desempenhar um dos seus mais importantes papéis, colaborando com abnegação e patriotismo com o governo do país, não lhe criando dificuldades, envidando, ao contrário, todos os seus esforços no sentido de aplanar o terreno, facilitando, desta maneira, a realização da tarefa a que nos propuzemos realizar".

Em julho do mesmo ano, a ABI era convidada a fazer-se representar na redação do novo Código Político do País, como prova de que a imprensa é realmente uma parcela importante no engrandecimento do Brasil.

Nessa altura, a ideia da construção da Casa do Jornalista dominava a classe. Ouidio o terreno, empenhar-se-ia a ABI na conquista do financiamento da obra, a par de outras retribuições da classe atendidas pelo Sr. Getúlio Vargas. Assim, surgiram várias medidas em benefício do jornalista, como o abatimento de 50% nas passagens marítimas e ferroviárias em empresas administrativas pela União. Em 1934, finalmente, o chefe do Governo assinava o Decreto pelo qual se concediam à ABI os meios para a construção de sua sede própria. O ato foi celebrado com a presença do então Conselho Deliberativo e de jornalistas de todas as cores políti-



cas. Nesta oportunidade, o Sr. Getúlio Vargas declarava:

"A imprensa, por seus fados, soube sempre cumprir seu dever, nos passos de nossa história. Como chefe de governo desordenário, eu não poderia esquecer o apoio decidido e corajoso que os jornalistas brasileiros deram à causa da Revolução. Foram eles, desde a campanha da Aliança Liberal, os grandes propagandistas da transformação dos nossos costumes políticos e sociais. Desafiando as iras dos poderosos, investindo (com os ditadores) policiais, eles sobrearam, à custa dos mais pesados sacrifícios, a guardar o patrimônio moral do Brasil.

Por isso mesmo, sempre estive nas cogitações do governo amparar os jornalistas, dando-lhes garantias que nunca lhe foram dispensadas, melhorando-lhes as condições intelectuais e materiais. Classe desprotegida, relegada e esquecida, era justo que recebesse dos dirigentes da República um prêmio ao seu esforço, um estímulo que facilitasse o seu labor. Que essa Casa do Jornalista seja, pois, a primeira realização da grande obra que, futuramente, se completará com uma escola de periodismo, aparelhada para instruir os servidores da imprensa brasileira em todos os segredos do seu mister. Que essa instituição se transforme num centro de estudo de cultura, numa oficina de trabalho em proveito da comunidade nacional".

Lançada a pedra fundamental da Casa do Jornalista, os relaciones entre o Sr. Getúlio Vargas e a ABI, recebiam novo impulso. E em 1938, o Presidente Getúlio Vargas, recepcionando a imprensa, no Palácio Presidencial, agradeceu-lhe o apoio recebido em virtude dos acontecimentos políticos com as seguintes palavras, perante grande número de profissionais da imprensa e do Conselho Deliberativo da ABI:

"Peço o comparecimento dos jornalistas aqui para — estabão de viagem para Petrópolis — apresentar minhas despedidas, meus votos de prosperidade no corrente ano e, ao mesmo tempo, agradecer, a forma vigorosa, brilhante e sincera, altamente patriótica, com que a imprensa desta capital colaborou com o governo, no trabalho de repressão ao comunismo". Recordou o Sr. Herbert Moses, salientando o júbilo da classe por aquele honroso convite, tendo o Presidente da República finalizado: "Há muitos jornalistas, cujo conhecimento e cujo trato diário comigo muito concorreram para que eu os apreciasse e os estimasse cada vez mais, pelo reconhecimento de suas excelentes qualidades.

Quanto ao que acabo de dizer, a respeito de sua colaboração com o governo, que é a de trabalhar pelo interesse do Brasil, fui exatamente desse conceito eu, que, também agradeço a colaboração dos senhores, quando pedi para comparecerem aqui, a fim de que pudessem apresentar, pessoalmente, meus agradecimentos.

Na Assembléia Geral, realizada em 1.º de maio de 1938, e votado por unanimidade, foi conferido ao Sr. Getúlio Vargas o título de Benemérito, Presidente de Honra da ABI, em reconhecimento aos grandes serviços prestados à classe. Fora oferecido num mesmo soleno, onde Sr. Faria, teve mais uma oportunidade de se certificar do quanto os homens de jornais desejavam retribuir-lhe suas gentilezas. Após as saudações que lhe foram dirigidas, o Sr. Getúlio Vargas verdadeiramente emocionado assim respondeu:

(Continua na página seguinte)

A Casa do Jornalista cobriu o seu pavilhão de crepe, como se enlutaram a sua Diretoria, o Conselho Administrativo e os consócios, pelo falecimento do Presidente de Honra, Getúlio Dornelles Vargas.

Na História desta Casa, da sua edificação material e de sua influência na vida social brasileira, na sua própria projeção no mundo, o nome de Getúlio Vargas se gravou como daqueles cujas iniciativas ofereceram meios de engrandecimento desta instituição.

A homenagem que hoje lhe prestamos, assume, no luto coletivo da Nação Brasileira, pela morte do Presidente da República, na profunda mágoa dos amigos, pelo trágico fim do Homem, na dor dos parentes, pelo falecimento do marido, do irmão e do pai, um caráter muito especial de reconhecimento e sinceridade.

Nesta Casa, militaram e militam, entre muitos adeptos e admiradores, homens cujo pensamento filosófico e

(Conclui na página seguinte)

Apresentação

Boa tarde a todas e todos,

Este evento está sendo transmitido pelos canais ABI TV e Tutaméia TV, no YouTube, e pelo Canal 6 da TV Comunitária do Rio de Janeiro. A Tutaméia TV é um serviço jornalístico criado pelos jornalistas Eleonora de Lucena e Rodolfo Lucena, a quem agradecemos. Para abrir a cerimônia, gostaria de convidar o presidente da ABI, o jornalista Octávio Costa, e o coordenador da Comissão de Educação da ABI, professor titular aposentado da UFRJ, Vitor Iório.

Iara Cruz

DIRETORA DE CULTURA E LAZER DA ABI



Agradecimento de presenças

- Alunos e professores dos colégios estaduais Melchíades Picanço e Capitão Oswaldo Ornellas, em São Gonçalo (RJ).
- Cláudio Magnavita, diretor de redação do jornal *Correio da Manhã*.
- Fabio Iorio, professor do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
- Fernando Nogueira, presidente da Rádio Roquette Pinto.
- João Batista Lemos, presidente estadual do PCdoB-RJ.
- Paulo Alonso, reitor da Universidade Santa Úrsula.
- Ricardo Cravo Albin, presidente do PEN Clube do Brasil.
- Valdete Lima, ex-revisora do jornal *O Dia* e do *Maioria Falante*, jornal do movimento negro.
- Vânia Penha Lopes, professora de Sociologia do Bloomfield College da Universidade Estadual de Montclair, em Nova Jersey, Estados Unidos.
- Washington Santos, da diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro.



Mesa de Debate - 1

Octávio Costa

Darc Costa

Vitor Iório



Mesa de Debate 1 - Dark Costa, Octávio Costa e Vitor Iório.

Octávio Costa

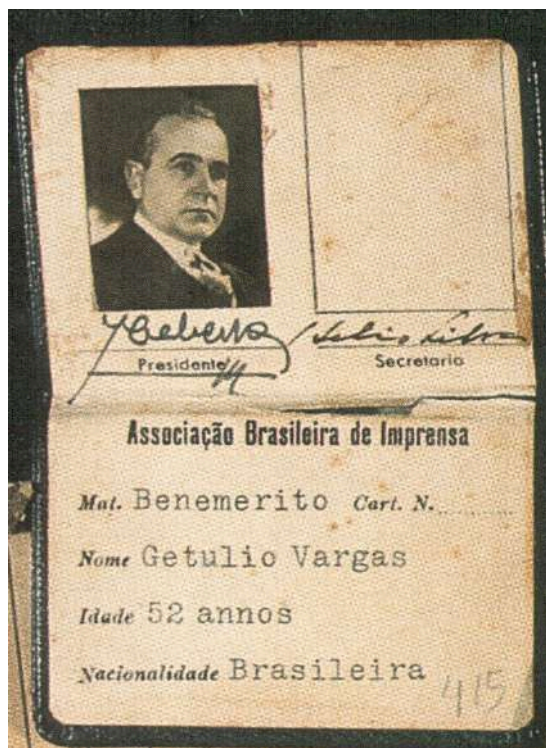
Jornalista, presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI)

Boa tarde. Fico muito feliz de ver os jovens neste plenário. Realmente, é uma belíssima notícia. Considero que este evento, em que vamos falar sobre Getúlio Vargas e os 70 anos de sua morte, seja importantíssimo para os jovens. Então, fico muito feliz, pois vocês terão muitas informações sobre aquele grave período de nossa história, que foi o início dos anos 1950.

Só para explicar aos alunos que vieram de São Gonçalo, nós teremos três mesas de debates, todas abordando o legado de Getúlio Vargas para a nossa cultura e economia.

Como presidente da ABI, cabe a mim falar sobre um aspecto menos conhecido, mas muito importante, do legado de Vargas: sua profunda ligação com a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e com este prédio em que estamos.

Getúlio Vargas tinha uma relação muito boa com os jornalistas da época e com a imprensa. O presidente da ABI na época, Herbert Moses, aproximou-se de Getúlio, então presidente da República, e, com a ajuda do ministro da Fazenda, Oswaldo Aranha, conseguiu que Getúlio desse apoio financeiro ao velho sonho dos jornalistas, que era o de ter uma sede própria para a Associação Brasileira de Imprensa.



Carteira de Sócio Benemérito da ABI de Getúlio Vargas, 1934.



Gustavo de Lacerda, fundador da ABI.

“

A ABI foi criada por Gustavo de Lacerda, um jornalista negro, em 7 de abril de 1908.

A ABI foi criada por Gustavo de Lacerda, um jornalista negro, em 7 de abril de 1908. A partir de sua fundação, a ABI abrigou-se em sedes provisórias, como a do jornal *O Paiz*, onde ficou por alguns anos, e depois no *Correio da Manhã*. Ou seja, a ABI tinha, mais ou menos, uma vida itinerante pelo Rio de Janeiro, mudando de sede de cá para lá.

O sonho, principalmente de Herbert Moses, um jornalista de renome e editor que presidiu a ABI de 1931 a 1964, durante 33 anos, era ter uma sede própria para a ABI. Com a ajuda de Oswaldo Aranha, Herbert Moses conseguiu o apoio financeiro do governo Vargas para a ABI. Isso o aproximou muito o Moses de Getúlio Vargas.

O apoio financeiro foi garantido até antes de se fazer o concurso arquitetônico, em 1936, para a construção do prédio. Vargas já havia garantido o apoio em 1934. O apoio financeiro foi de tal monta, de 13 mil contos de réis à época, que este prédio de 13 andares, com 800 metros quadrados por andar, com tecnologia de ponta da época, inclusive com serviço de telex para o país todo, foi construído em dois anos e meio, graças ao apoio de Getúlio Vargas.



Sede provisória da ABI em O Paiz.



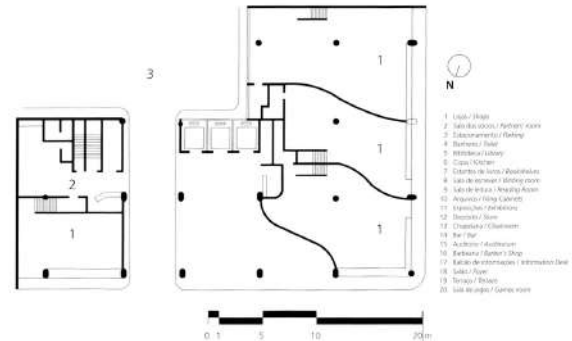
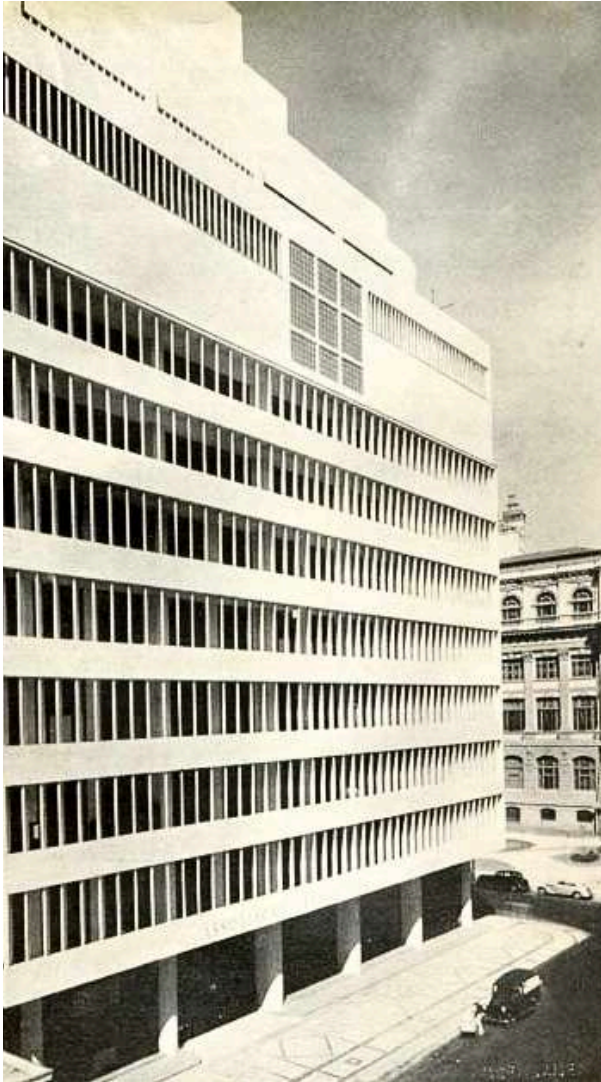
O Liceu de Artes e Ofícios também abrigou a ABI.



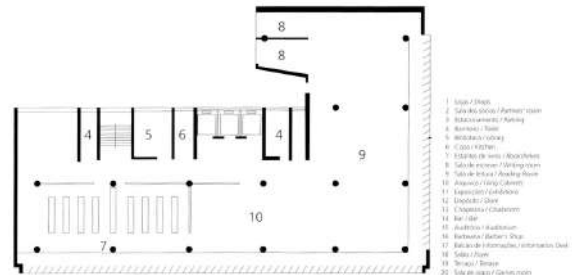
Herbert Moses, ex-presidente da ABI.

“

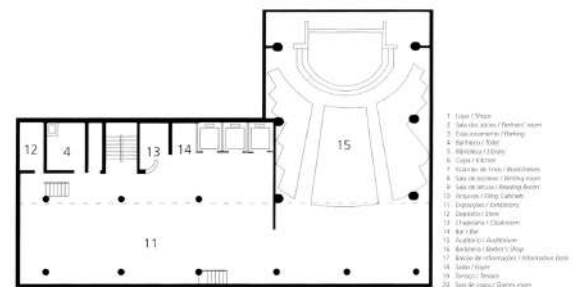
Este é um legado de Vargas: a sede da ABI.



Planta térreo.

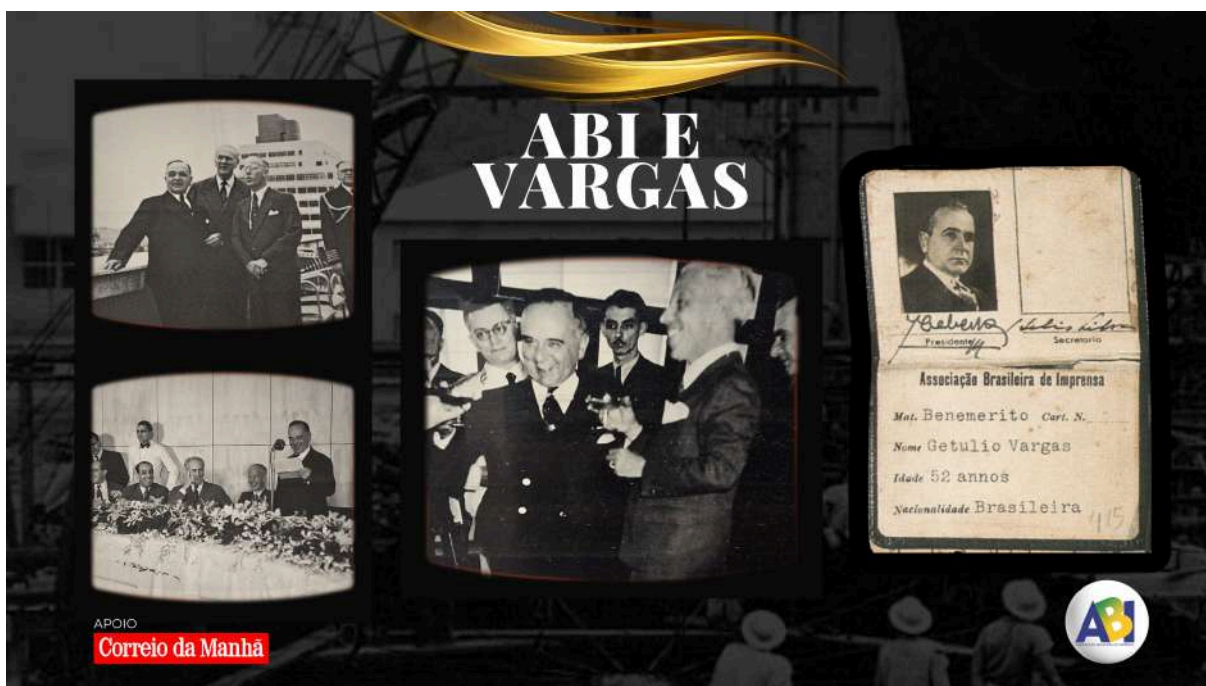


Planta 7º pavimento.



Planta 8º pavimento.

Associação Brasileira de Imprensa - O edifício projetado pelos arquitetos irmãos Roberto (Marcelo, Milton e Maurício), inaugurado em 1938, é um dos primeiros exemplares da arquitetura moderna no Rio de Janeiro. A sede da ABI foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico Estadual em 1965, em reconhecimento ao pioneirismo de suas formas e ao significado histórico da entidade, sempre vinculada às lutas pela liberdade de expressão no Brasil. Construída de acordo com a linguagem arquitetônica preconizada por Le Corbusier, a edificação apresenta notável mérito arquitetônico. Todo o mobiliário e os demais equipamentos do prédio foram também projetados pelos irmãos Roberto. Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).



Slide projetado durante a apresentação do presidente Octávio Costa.

“

Herbert Moses conferiu a Vargas o título de sócio benemérito da ABI e, em uma reunião do Conselho Deliberativo da ABI, também o título de presidente de honra da ABI, o que permanece até hoje.

Este é um legado de Vargas: a sede da ABI. Em agradecimento, Herbert Moses conferiu a Vargas o título de sócio benemérito da ABI e, em uma reunião do Conselho Deliberativo da ABI, também o título de presidente de honra da ABI, o que permanece até hoje. Nosso estatuto ainda registra Getúlio Vargas como presidente de honra.

O prédio foi inaugurado em 1939. No *slide* acima, vemos à direita a carteira de sócio benemérito de Getúlio Vargas da ABI. No canto superior esquerdo, uma foto dele no terraço da ABI, com Herbert Moses. O 13º andar era um grande terraço com um jardim de Burle Marx. No canto inferior esquerdo, uma foto de Getúlio num almoço na ABI e, no centro, brindando com Herbert Moses na sala da presidência da ABI. Esse almoço foi em homenagem a ele, organizado pela ABI em abril de 1944, pouco antes das tropas brasileiras serem enviadas para a guerra.

Nesse almoço, Getúlio agradeceu à ABI e mencionou que sentia um "sentimento de vaidade" por ter ajudado a construir a sede da ABI. Ele usou essa expressão, falando de um "arroubo de vaidade" por ter ajudado a construir este prédio. Nesse discurso, ele agradeceu e chamou Herbert Moses de "querido Herbert", tal era a relação próxima que ele tinha com a ABI na época.



Getúlio Vargas discursa em almoço na ABI ao lado de Herbert Moses, em 15 de abril de 1944.

Getúlio fez também referências elogiosas a todos os jornalistas que estavam presentes, inclusive correspondentes estrangeiros, nesse almoço, de abril de 1944. O discurso dele pode ser ouvido no YouTube. Metade do discurso é dedicado à ABI e a outra metade às realizações dele desde 1930. Getúlio mencionou que teve apoio de jornalistas já em 1930.

Portanto, basicamente, eu queria falar dessa relação muito cordial entre Getúlio Vargas e a Associação Brasileira de Imprensa.

Agora, gostaria de encerrar com um dado que mostra a proximidade de Getúlio com a ABI, mas que também antecipa a tragédia. Na madrugada de 24 de agosto de 1954, diante da situação complicada, com parte das Forças Armadas

rebeladas contra ele, principalmente na Aeronáutica e parte da Marinha e do Exército, Getúlio fez uma reunião de emergência no Palácio do Catete.

Ele convocou todos os ministros, incluindo os ministros militares – Aeronáutica, Marinha, Exército. Participaram, também, membros da família: os irmãos, a filha, Alzira Vargas, e o genro, Ernani do Amaral Peixoto, então governador do antigo estado do Rio de Janeiro.

Foi uma reunião muito tensa, discutindo a terrível situação, com um movimento para derrubar Getúlio Vargas. A reunião se estendeu das 2h às 4h da manhã no Palácio do Catete. No final, depois de relatos divergentes sobre a sustentação ou não dos

“

Basicamente, eu queria falar dessa relação muito cordial entre Getúlio Vargas e a Associação Brasileira de Imprensa.

militares, Getúlio encerrou a reunião e disse que aceitava a licença. Eu vou ler exatamente o que ele falou, ao fim da reunião ministerial, porque é muito importante. Vargas disse: "Se a ordem for mantida, entrarei com pedido de licença. Em caso contrário, os revoltosos encontrarão aqui o meu cadáver."

LICENCIAMENTO OU DEPOSIÇÃO

Às 3,45 de hoje o sr. Getúlio Vargas, com sua firme recusa da renúncia, limitara sua escolha às duas outras formas que lhe foram apresentadas — a do licenciamento ou da deposição.

SOLUÇÃO: LICENÇA PARA O SR. GETULIO VARGAS

O marechal Mascarenhas de Moraes distribuiu à imprensa, no Ministério da Guerra, diante do brigadeiro Eduardo Gomes e outras autoridades militares, a seguinte nota:

“O presidente da República reuniu, hoje, o Ministério, para exame da situação político-militar criada no país. Ouvidos os ministros, cada um de per si, foram debatidos longamente os diversos aspectos da crise e suas graves conseqüências. Deliberou o presidente Getúlio Vargas, com integral solidariedade de seus ministros, entrar em licença, passando o governo ao seu substituto legal, desde que honrados os compromissos solenemente assumidos perante a nação pelos oficiais generais de nossas Forças Armadas.

Em caso contrário, persistiria inabalável no seu propósito de defender as suas prerrogativas constitucionais, com o sacrifício, se necessário, de sua própria vida.”

Correio da Manhã, 24 de agosto de 1954, 1ª página.

“

A nota oficial [do pedido de licença de Getúlio Vargas] foi lida para os jornalistas que estavam no Palácio. Quem leu a nota? A nota foi lida por Herbert Moses, presidente da ABI.

Getúlio disse isso às 4h da manhã para seu ministério reunido. Dali ele se retirou e foi para o seu gabinete. Às 8h35 da manhã, do dia 24 de agosto, ouviu-se o tiro. Getúlio Vargas tinha se matado. E todos conhecem a história: "Saio da vida para entrar na história."

Só um detalhe, um detalhe importante. Quando se decidiu pela licença, foi feita uma nota oficial para comunicar essa licença, redigida por Tancredo Neves, Oswaldo Aranha e outros. Uma pessoa, então, foi destacada para ler essa nota oficial aos jornalistas que estavam ali em torno da sala de imprensa do Palácio. Nós estamos falando aqui de uma hora ou até menos do suicídio de Getúlio Vargas. E essa nota é lida para todos os jornalistas, para que noticiem as rádios e os jornais. Quem leu a nota? Uma boa pergunta para vocês. A nota foi lida por Herbert Moses, presidente da ABI. Ele é que leu a nota comunicando o pedido de licença de Getúlio Vargas. É isso.

Muito obrigado pela presença. Agradeço aqui o patrocínio do jornal *Correio da Manhã* a esse evento. E deixando claro a todos aqui presentes e a quem nos acompanha pelo YouTube, que esse prédio, esse prédio icônico da ABI, tombado pelo patrimônio histórico, é um legado de Getúlio Vargas. Eu vou passar agora a um outro legado de Getúlio Vargas, evidente que, para a economia do país, mais importante até do que o prédio da ABI, que é a criação da Petrobras.

"ULTIMA HORA" HAVIA ADIANTADO, ONTEM, O TRÁGICO PROPÓSITO

MATOU-SE VARGAS! **EXTRA** **Ultima Hora**

O PRESIDENTE CUMPRIU A PALAVRA: "SÓ MORTO SAIREI DO CATETE!"

A Mensagem Que Vargas Deixou Pouco Antes de Desfechar Contra o Peito o Tiro Fatal: "A SANHA DOS MEUS INIMIGOS DEIXO O LEGADO DE MINHA MORTE. LEVO O PEZAR DE NÃO TER PODIDO FAZER PELOS HUMILDES TUDO AQUILO QUE EU DESEJAVA."

ÀS 3,45 HS DA MANHÃ DE HOJE O MAIOR LÍDER POPULAR QUE O POVO BRASILEIRO JÁ CONHECEU ENCRROU DE MODO DRAMÁTICO SUA GRANDE VIDA

UM TIRO NO CORAÇÃO — O GENERAL CAÍDO AINDA ENCONTROU CONVÍVIDO PRESIDENTE — DESOLUÇÃO NO CATETE

Um homem que de há muito tempo, através de sua obra, se tornou o maior líder popular que o povo brasileiro já conheceu, morreu hoje, às 3,45 horas da manhã, vítima de um tiro no coração, no Palácio do Catete.

O General Getúlio Vargas, de 68 anos, morreu de repente, após uma longa e dolorosa luta com a doença que o acometia há meses.

O General Getúlio Vargas morreu no Palácio do Catete, às 3,45 horas da manhã, vítima de um tiro no coração.

Ele estava acompanhado de seu filho, Getúlio Vargas Filho, e de outros membros de sua família.

O General Getúlio Vargas morreu no Palácio do Catete, às 3,45 horas da manhã, vítima de um tiro no coração.

Ele estava acompanhado de seu filho, Getúlio Vargas Filho, e de outros membros de sua família.

O General Getúlio Vargas morreu no Palácio do Catete, às 3,45 horas da manhã, vítima de um tiro no coração.

Ele estava acompanhado de seu filho, Getúlio Vargas Filho, e de outros membros de sua família.

Última Hora, edição extra, 24 de agosto de 1954.

Cortejo fúnebre de Getúlio Vargas.
Foto: Campanella Neto. Fonte: CPDOC



Projeção de vídeo



Imagem do vídeo com a mensagem da presidente da Petrobras, Magda Chambriard.

Magda Chambriard

Engenheira, presidente da Petrobras

Senhoras e senhores,

Eu agradeço o convite da Associação Brasileira de Imprensa para integrar essa homenagem e esse momento tão importante de reflexão, em uma das datas mais significativas na história do Brasil: os 70 anos da morte de Getúlio Vargas.

Getúlio Vargas, um líder emblemático, que desempenhou um papel fundamental na transformação econômica e política de nosso país.

Ao refletir sobre o legado de Vargas, conectamos sua visão e suas conquistas com uma das maiores realizações de seu governo: a fundação da nossa Petrobras, empresa que eu tenho o orgulho, um orgulho imenso de presidir.

A visão de Getúlio para o Brasil sempre foi muito clara: um país industrializado, autônomo e capaz de se destacar no cenário global.

“

A visão de Getúlio para o Brasil sempre foi muito clara: um país industrializado, autônomo e capaz de se destacar no cenário global.



Getúlio Vargas na solenidade de assinatura da lei que determinou a criação da Petrobras, em 3 de outubro de 1953.

Venceu o Povo na Petrobrás

Ao Presidente Getúlio Vargas Deve-se a Grande Parcela Dessa Conquista — Vitória, Também, de **ULTIMA HORA**, Que Defendeu o Projeto Desde a Primeira Hora — O Silêncio, Escondendo a Traição — Depois do Petróleo, Chegará a Vez da Energia Elétrica — O Exemplo de Volta Redonda

A instituição da Petrobrás, dentro das normas fixadas na mensagem governamental, que o Congresso Nacional transformaria em lei, significa mais uma vitória do povo. Ao Sr. Getúlio Vargas, que encaminhou o projeto, para depois sancionar a lei, deve-se, não há tempo dúvida, a grande parcela dessa conquista, pela posição que assumiu, concretizando no povo as suas promessas como candidato popular. Ninguém lhe poderá tirar o título: é ele o herói da batalha, que acaba de ser vencida.

Venceu o princípio nacionalista, mas no sentido realista e azeitado, que tornou possível Volta Redonda e no futuro há de solucionar também os nossos problemas de energia elétrica. Sem jacobinismos feroces, a verdade é que não se conhecem outras soluções no mundo moderno, que não aquelas que garantam a sobrevivência do interesse nacional, a expansão e o desenvolvimento das indústrias de um país, livre das influências dos trusts internacionais.

Dentro dessa linha de conduta, foi que **ULTIMA HORA** apelou desde o primeiro momento a tese nacionalista, tomando a frente a campanha da Petrobrás. E hoje, que se torna realidade a instituição, podemos pro-

clamar com orgulho ter sido este jornal a fortaleza que sustentou com decisão e até mesmo com bravura a grande e histórica campanha.

Em nossas colunas, a voz dos Generais da Petrobrás encontraram sempre a melhor acolhida, para informar e esclarecer o povo contra a confusão ardilosamente preparada pelos a derrotistas de todas as cores.

É por isso que **ULTIMA HORA** festeja também como sua a vitória da Petrobrás. Em meio ao silêncio frio e vergonhoso da imprensa, empenhada em destruir o jornal que defendeu o Brasil contra os trusts internacionais, o povo há de compreender, mais uma vez, quem está a seu lado, sincera e honestamente, e quem de mãos dadas, alargando um falso patriotismo, não trepidou em apunhalá-lo pelas costas.

Veja bem, o povo! A sanção presidencial ao projeto da Petrobrás — ato de mais transcendente importância histórica — não conseguiu despertar o silêncio tumular de certa imprensa, pertencente aos inimigos do Brasil e da sua soberania. Silêncio que esconde a traição ignóbil, que não vacilaram em defender.

Última Hora, 5 de outubro de 1953.

“
Getúlio Vargas ouviu a voz das ruas, que ressoavam a frase: “O petróleo é nosso!”

É nesse contexto que ele assinou a lei que determinou a criação da Petrobras, em 3 de outubro de 1953.

Senhoras e senhores, essa decisão mudou para sempre o destino econômico do Brasil. Getúlio Vargas ouviu a voz das ruas, que ressoavam a frase: “O petróleo é nosso!”. Um lema nacional que simbolizava a busca do Brasil por sua soberania e potencial.

A fundação da Petrobras não foi apenas uma questão econômica, foi uma questão de identidade nacional. Uma identidade nacional que inspirou uma geração inteira.

Senhoras e senhores, ao longo de sete décadas, a Petrobras vem honrando o destino que começou a ser traçado, quando Getúlio assinou a sua criação.

Essa empresa se consolidou como uma das grandes de energia do mundo, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento econômico, tecnológico e social do Brasil. E hoje, ao homenagear Getúlio, também celebramos a Petrobras e a sua importância para o nosso Brasil.

Celebramos tanto os feitos do passado quanto os novos desafios e oportunidades que se apresentam para a nossa empresa.

Celebramos a capacidade da Petrobras em liderar uma transição energética justa em nosso país, com foco total nas pessoas, na segurança, e no respeito ao meio ambiente, por meio de uma sólida governança, perpetuando valor para as gerações futuras.

Celebramos os continuados esforços da empresa em prol da energia fóssil e da energia renovável. Afinal de contas, além de produzir petróleo e gás, viabilizamos o pró-álcool, ainda na década de 1970, o programa de biodiesel no início dos anos 2000 e a implantação de diversas usinas eólicas e solares.

A decisão pioneira de criar a Petrobras foi a expressão da crença na capacidade do Brasil e na capacidade dos brasileiros. E é essa capacidade que segue viva e pulsante não só na Petrobras, mas em todo nosso país. Essa foi a semente adequada, plantada no momento correto, que germinou e transformou o destino do Brasil.

Momentos como esse são muito importantes para lembrarmos a história e o legado de Vargas. São momentos para reafirmarmos o potencial do nosso país e unirmos forças para reafirmar a grandeza do Brasil, ao mesmo tempo em que reconhecemos a nossa responsabilidade em darmos sequência a todo o trabalho iniciado por Vargas. Bom evento a todos e muito obrigada!

“

A decisão pioneira de criar a Petrobras foi a expressão da crença na capacidade do Brasil e na capacidade dos brasileiros. E é essa capacidade que segue viva e pulsante não só na Petrobras, mas em todo nosso país. Essa foi a semente adequada, plantada no momento correto, que germinou e transformou o destino do Brasil.



Cartaz da Petrobrás, com o presidente Vargas.

PARA REABILITAÇÃO ECONÔMICA e reaparelhamento industrial do país

O projeto de lei ontem enviado ao Congresso Nacional pelo presidente da República

A CRIAÇÃO DO BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Em regime de urgência, o projeto será votado amanhã no Senado

Em regime de urgência, já com taxas, rendas ou contribuições de art. 3º, da Lei nº. 1.474, de 26 de

Reportagens do Correio da Manhã noticiam o projeto de criação do então BNDE em 1952. Fonte: Agência Senado.

Darc Costa

Ex-vice-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e professor do curso de Política da Escola Superior de Guerra (ESG)

Gostaria de iniciar desejando uma boa tarde a todos e agradecendo à ABI pelo convite para falar neste evento, “O Legado de Vargas”. Dediquei-me a preparar uma exposição que usa a História como base, mas sem ficar restrito exclusivamente a ela. Acho importante que vocês saibam que a política que vivemos hoje se estrutura no final do século XVIII, com a derrocada do absolutismo, do chamado direito divino dos reis.

E o que levou a isso? Foi um movimento chamado iluminismo, que surgiu na Europa no final do século XVIII e início do século XIX. Portanto, nesta exposição, vou recorrer à História e à filosofia política. Quero que vocês guardem uma coisa: nós, seres humanos, somos os únicos seres que a natureza dotou de razão e vontade. Razão e vontade são o que nos define como gênero humano. E esses dois atributos foram fundamentais para a quebra do absolutismo promovida pelo iluminismo.

O iluminismo utilizou a razão, primeiramente, na construção de dois movimentos políticos. O primeiro deles é conhecido como liberalismo, mais especificamente, o liberalismo político. Há uma variante chamada liberalismo econômico, que atua na economia, mas aqui estou falando do liberalismo político.

O liberalismo político surge como uma reação ao terror instaurado logo após a Revolução Francesa. Esse movimento conquista o comando dos negócios políticos no Brasil durante o Império. Outro movimento que surge no início do século XIX, com raízes no socialismo utópico e em outras variantes, é o positivismo.

Na segunda metade do século XIX, é a vontade que passa a estruturar os movimentos políticos. Assim, a razão está ligada ao liberalismo e ao positivismo, enquanto a vontade traz o marxismo e o modernismo reacionário. Esses movimentos continuam, de certa forma, a influenciar a visão política e a filosofia política até hoje.

“

Vargas era positivista, algo que é muito pouco comentado.

Fiz esse preâmbulo porque Vargas era positivista, algo que é muito pouco comentado.

Por coincidência, acabei comprando alguns livros na Estante Virtual, obras do início do século XX, e encontrei livros da biblioteca pessoal de Getúlio Vargas. Entre eles, estavam obras de Henri de Saint-Simon e de Auguste Comte, um dos principais pensadores do positivismo. Os livros tinham várias anotações, que imagino terem sido feitas pelo próprio Vargas.

Adquiri também um outro livro interessante sobre economia, chamado *Teoria do Protecionismo e da Permuta Internacional*. Essa obra foi escrita pelo romeno Mihail Manoilescu, professor da Universidade de Sorbonne, que veio ao Brasil para ajudar na fundação da Universidade de São Paulo (USP) e conheceu Roberto Simonsen, então presidente da antiga Confederação Nacional da Indústria.

Manoilescu impressionou tanto Roberto Simonsen que o Simonsen traduziu e publicou o livro dele, e Vargas possuía um exemplar dessa obra. Bom, mas o importante aqui não é discorrer longamente sobre o positivismo, pois não cabe neste momento. O que vale destacar é que o positivismo defende a ordem como base para a construção da vida social, o progresso como o



Influência do positivismo na bandeira nacional: ordem e progresso.

motor de uma sociedade e o amor como fundamento da vida em comum.

A expressão “Ordem e Progresso” que vemos em nossa bandeira vem da visão positivista. Isso porque o positivismo impregnou a discussão política no Brasil no final do século XIX, algo que abordarei mais adiante.

Mas o que é o positivismo? O positivismo defende que, para que suas ideias se concretizem, é necessário que a sociedade seja governada pelos mais capazes — aqueles dotados de maior conhecimento, como cientistas, empresários e engenheiros. De fato, afirma que “são eles que desejam o progresso e o desenvolvimento da sociedade”.

Portanto, são esses indivíduos que zelam pelo campo econômico para que as riquezas se acumulem na sociedade. Daí a ênfase na ação do Estado na economia e no fortalecimento do nacionalismo econômico. Olhando para a história, vou tratar do positivismo que chegou ao Brasil na segunda

metade do século XIX. Esse movimento surgiu, então, para contestar o liberalismo que predominava na política da época.

No Brasil, durante o Império, o que predominava era o liberalismo, seja o liberalismo conservador, seja o liberalismo progressista. Mas o positivismo veio contestar isso, e se infiltrou em dois movimentos que aconteciam naquela época: o abolicionismo e o movimento republicano. E onde foi a base principal disso? Foi no Exército. No Exército, o pensamento positivista tornou-se dominante. Isso levou, então, à Proclamação da República. Por isso, a bandeira da República traz a inscrição “Ordem e Progresso”.

No entanto, a predominância do positivismo foi muito efêmera, durando apenas dois governos: o de Deodoro da Fonseca e o de Floriano Peixoto. Esse domínio caiu devido, primeiramente, à Revolta da Armada (1893-1894) e, depois, à Guerra de Canudos (1897). Isso mostrou que o Exército não tinha tanto poder como se colocava.

As velhas oligarquias, especialmente a mineira e a paulista, vendo isso, assumiram o poder e restauraram o liberalismo, que predominou durante toda a chamada República Velha. Esse período perdurou por 11 governos. No entanto, houve um governo no meio dessa República Velha (1889-1930) em que um marechal assumiu a presidência: Hermes da Fonseca (1910-1914).

O marechal Hermes da Fonseca criou uma situação tão complicada que, durante toda a década de 1920, mergulhamos em uma crise político-militar. Ele também estava imbuído do pensamento positivista. Isso levou, então, no final da década de 1920, a uma situação em que Getúlio Vargas assumiu o poder em 1930, restaurando o pensamento positivista. Isso ocorreu porque os tenentes que apoiaram Vargas eram todos positivistas.

Luís Carlos Prestes, por exemplo, era positivista antes de se tornar comunista após 1930, um pouco antes desse ano, após a Coluna Prestes. No entanto, ele foi positivista durante toda a década de 1920.

Mas por que isso ocorreu? Por que eles conseguiram chegar ao poder? Eles chegaram ao poder porque, em 1930, o Brasil estava mergulhado em uma crise tremenda. E por quê? Porque o país havia sido profundamente afetado pelo *crash* da Bolsa de Nova Iorque de 1929, assim como o resto do mundo. No entanto, havia um problema de origem: éramos uma economia dependente do café, que estava em declínio.

Além disso, havíamos perdido outro pilar de nossa economia, a borracha, que foi transplantada para a Malásia pelos ingleses.

Portanto, nossa crise era imensa. Todos sabem que o café é uma especiaria pós-sobremesa. Quer dizer, numa situação de crise, o café é desprezível. Assim, nossa crise era extremamente grave.

Para o Brasil, então, que vivia da exportação de bens primários, em especial o café, essa crise nos afetou de tal forma que levou de roldão o liberalismo que existia, seja o liberalismo político das oligarquias, seja o liberalismo econômico, que acompanhava o liberalismo político das elites, abrindo espaço para as outras correntes, como o marxismo, o modernismo reacionário, mas principalmente para o retorno do positivismo. E foi no retorno do positivismo que o Vargas chega. E o positivismo se impôs com o Vargas, apesar de ter sido contestado pelas outras visões políticas.

Contestado primeiro pelo liberalismo na Revolução Paulista de 1932. Contestado depois pelo marxismo na Intentona Comunista de 1935. E contestado depois pelo modernismo reacionário, que aqui no Brasil era integralismo, em 1938, pela chamada Intentona Integralista.

Mas o positivismo, meus amigos, era simpático ao nacionalismo econômico. Era simpático às teses de Alexander Hamilton, que construíram os Estados Unidos, e de Friedrich List, que construíram a Alemanha.



Getúlio Vargas com líderes da Revolução de 1930.

E o que acontece é o seguinte: as ideias de liberalismo econômico aqui foram aplastadas pela Revolução de 1930. E ficaram aqui durante 50 anos.

O projeto do Vargas no campo econômico seguiu as teses que lastreavam as visões de Hamilton e de List, e se impuseram por 50 anos. Elas foram feitas com Vargas entre 1930 e 1954, com o interregno do governo Dutra. Depois, sem Vargas, de 1954 a 1964. E se fazendo contra Vargas, de 1964 a 1980.

O ciclo de 50 anos, a chamada Era Vargas, foi toda feita de acordo com as teses que predominavam dentro da filosofia política do positivismo. E quais seriam essas teses? Primeiro, a industrialização. Por que, meus amigos, a industrialização? Porque a indústria é o motor do desenvolvimento.



Benefícios para o trabalhador no governo Vargas.

E por que que a indústria é o motor do desenvolvimento? Pelo fato de que na indústria as inovações se processam de forma muito mais rápida do que na agricultura ou na mineração. E a inovação é a mola da acumulação. As empresas inovam para acumular, para sair do regime de competição e serem monopolistas. Porque quando são monopolistas, elas podem fixar o preço. Não estão competindo. Elas conseguem aumentar a margem de lucro por isso.

Então, a indústria é o lugar onde as inovações se processam de forma muito mais rápida. Por isso que a industrialização é o motor do desenvolvimento. A consequência natural da industrialização é a urbanização. Ninguém faz fábrica no campo, faz fábrica na cidade. E, com um detalhe: na cidade é muito mais fácil e muito mais barato fazer política social do que no campo. Então, temos a industrialização e a urbanização.

E uma questão fundamental para nós era a integração do território nacional. Em 1930, o Brasil era um país rural, com pouquíssima indústria e desintegrado. Para vir do norte para cá, você tinha que pegar um barco, um Ita. Você não tinha nenhuma via interna de acesso ao território nacional.

Então, é preciso entender isso. Por que essa tríade – industrialização, urbanização, integração do território nacional – foi a política perseguida nesses 50 anos, que vão de 1930 a 1980. Essa foi a política que se deu.

E isso foi feito com uma coisa, com a determinação de que, caso o setor privado não fosse capaz de pôr em prática essas teses, o Estado nacional o faria.

Vejam bem: industrialização, urbanização, integração do território nacional. Se não fosse possível o setor privado fazer, quem iria fazer era o Estado. Isso durou 50 anos, até no governo Geisel isso foi feito. Eu vou falar mais adiante como se deu a ruptura disso.

Primeiro governo: 1930-1945

Agora vou aproveitar este ensejo para falar sobre o que Vargas fez durante os anos em que governou. O que ele fez no campo econômico? Primeiro, realizou uma auditoria da dívida externa, logo em 1930, até 1935, e decretou uma moratória dessa dívida. Ninguém fala sobre isso, mas é importante saber que ele tomou essa medida.

É importante saber que ele também promoveu a nacionalização dos recursos hídricos e dos recursos minerais. Estou me referindo ao primeiro governo Vargas, de 1930 a 1945. Ele criou a Lei da Usura (1933), que limitava os juros a no máximo 10% ao ano. Também instituiu a Lei do Salário Mínimo (1940); antes, não existia um salário mínimo.

E o que mais ele fez em seu primeiro governo, de 1930 a 1945? Em 1930, criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Em 1931, fundou o Departamento dos Correios e Telégrafos, o atual Correios. A Justiça Eleitoral foi instituída pelo Código Eleitoral de 1932. Em 1933, criou o Instituto do Açúcar e do Alcool.

Em 1934, criou o Instituto Nacional de Estatística (INE), que daria origem ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 1937, fundou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Em 1938, criou o Conselho Nacional do Petróleo (CNP), o Conselho Nacional da Indústria (CNI) e o Departamento de Administração do Serviço Público (Dasp).

O Dasp foi uma realização muito importante, pois valorizou o mérito na administração pública. Antes, na República Velha, os cargos públicos eram atribuídos por meio de anúncios em jornais e tudo funcionava com base no 'QI' (quem indicou). Em 1939, ele criou o Instituto de Resseguros do Brasil (IRB).

Em 1941, criou o Ministério da Aeronáutica e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A CSN foi uma conquista significativa, resultado de uma política externa muito eficaz, envolvendo negociações com a Alemanha e os Estados Unidos. Apesar da resistência de ambos os países, ele conseguiu estabelecer a indústria siderúrgica no Brasil por meio de uma estratégia diplomática habilidosa.

Em 1942, ele criou a Companhia Vale do Rio Doce e nacionalizou as minas de ferro que estavam sob controle de Percival Farquhar, um americano que estava se apropriando das minas brasileiras. Nesse mesmo ano, fundou o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e a Fábrica Nacional de Motores (FNM). Além disso, em 1932, instituiu a Carteira de Trabalho, originalmente conhecida como Carteira Profissional. Antes disso, não havia a Carteira de Trabalho.



Colheita de café, década de 1930.

Meu pai me contava que os funcionários dos armazéns trabalhavam das 7 da manhã às 10 da noite, de segunda a domingo. Quem criou as condições para oferecer ao trabalhador uma vida digna foi o nosso amigo Getúlio. Com o Código Eleitoral de 1932, ele instituiu o voto secreto e o voto feminino, ou seja, sem distinção de sexo.

Em 1936, subordinou as Polícias Militares ao Exército. Em 1943, criou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e fez a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Em 1945, criou a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf). E aí foi retirado do governo, mas isso é uma outra questão. Em 1939, criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Valorizou a cultura nacional e promoveu eventos culturais e festas, destacando sua importância.

Transformou o carnaval em uma instituição importante. Promoveu a música clássica. Colocou o compositor Heitor Villa-Lobos para presidir a Academia Brasileira de Música (ABM) em 1945. Criou a música popular brasileira, deu dignidade ao samba. Criou *A Voz do Brasil*. Promoveu a educação, entre outras iniciativas.

Na Segunda Grande Guerra, deu ênfase à substituição das importações. Naquele momento, quando estoura a guerra, em 1939, 25% das importações do Brasil vinham da Alemanha, e todas eram industriais. A Alemanha nos vendia produto industrial. Com a guerra, ele conseguiu, então, fazer com que esse processo de substituição de importações avançasse bastante. E durante o seu primeiro governo, de 1930 a 1945, a indústria cresceu 6,3% ao ano. Quinze anos crescendo assim.

Segundo governo: 1951-1954

E o que fez o segundo governo Vargas, que chamam de governo democrático, de 1951 a 1954? Em 1952, criou o BNDE, Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, que depois virou o BNDES e o Banco do Nordeste do Brasil, o BNB.

Fez a Lei da Remessa de Lucros (1952), já existia uma lei que regulamentava o retorno de capitais estrangeiros (1946). A discussão que houve no governo João Goulart foi para discutir, para avaliar, qual seria o montante disso, mas a Lei de Remessa de lucros já tinha sido feita pelo Getúlio.

Até porque, na visão do Getúlio, meus amigos, a riqueza a ser construída no Brasil ia ser com capital privado nacional e com capital estatal. E o capital transnacional, multinacional seria subordinado a isso. Quem mudou isso foi o Juscelino Kubitschek. É bom a gente colocar as coisas como são. Porque, para Vargas, era o capital privado nacional e o capital estatal. Eram esses os determinantes do processo. Bom, então ele privilegiou o capital estatal e o privado nacional em relação ao chamado capital transnacional.

Em 1953, criou a Petrobras, como mencionado pela presidente Magda Chambriard. Foi uma criação dele. E Vargas soube jogar muito bem politicamente, pois, no final das contas, o projeto de criação da Petrobras foi aprovado no Congresso Nacional, contando até com o apoio de seus opositores. O monopólio do petróleo foi feito pelos seus próprios opositores.

“

Vargas privilegiou o capital estatal e o privado nacional em relação ao chamado capital transnacional.

Em 1953, criou o Ministério da Saúde. Em 1954, propôs a criação da Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (Eletrobras), que deveria ter sido criada no seu governo, mas só foi aprovada em 1961, no governo Jânio Quadros. No entanto, a proposição era dele.

Mesmo com a morte de Vargas, muito por causa da sua carta-testamento, o positivismo ainda se fez presente na história do Brasil até 1980, mas não como ele queria. Já mencionei o problema do governo de Juscelino Kubitschek, que priorizou as multinacionais, e outros problemas que poderíamos discutir, incluindo os do regime militar. No entanto, o positivismo perdurou na economia por causa dele.

A maior perda dessa filosofia política foi o seu afastamento das academias militares. Até 1950, a filosofia política era estudada nessas academias, mas, a partir daquela década, com a crescente influência americana no Brasil, a discussão sobre filosofia política foi retirada do



Foto oficial: Getúlio Vargas, 1951.

currículo. Então, ali se afastou o ensino da antiga doutrina do positivismo, centralizando a discussão de que o oponente do liberalismo era o marxismo. Na verdade, meus amigos, o marxismo era oponente do modernismo reacionário.

O grande oponente do liberalismo era o positivismo. É importante que isso fique claro, pois muitas pessoas desconhecem esse fato. E os militares ainda entram nesse discurso de que o liberalismo é oponente ao marxismo. Não é não. Quem é oponente ao marxismo é o positivismo. Assim, em 1980, na chamada abertura política, por pressão externa e interna da velha oligarquia paulista – a oligarquia paulista derrotada em 1932, a liberal, que agora já não era mais uma oligarquia cafeeira, era sim uma oligarquia financeira e rentista – o liberalismo político e o seu agregado, o liberalismo econômico, vieram a ocupar progressivamente, e hoje totalmente, os destinos do Brasil. Isso resultou neste liberalismo que vivemos.

Cito aqui as palavras do mestre Celso Furtado, em sua fala na Mesa Redonda sobre Diálogo Social e Desenvolvimento, realizada no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) em Brasília, em agosto de 2004, quando eu ainda estava no BNDES, três meses antes de seu falecimento em novembro de 2004. Furtado disse: *“Existe, no Brasil de hoje, uma espécie de ojeriza, de repúdio a pensar sistematicamente as coisas, a ter um pensamento globalizante. A hegemonia do pensamento neoclássico, neoliberal acabou com a possibilidade de pensarmos um projeto nacional; em planejamento governamental, então, nem se fala... O Brasil precisa se pensar de novo, partir para uma verdadeira reconstrução. Para mim, o que preza é a política”.*

Isso aqui ele está dizendo pelo seguinte, porque se acredita hoje que a economia é que leva a política. Não, meus amigos. É a política que leva a economia. O que fazer está antes do como fazer. E a política responde o que fazer. A economia responde o como fazer. *“Essa coisa microeconômica é um disparate completo. Mas é a doutrina que prevalece no mundo e no Brasil. Não espero que haja milagre de superação desse pensamento pequeno, pois hoje em dia não tem ninguém que lidere essa luta ideológica. Todo mundo foge dessa confrontação ideológica. Planejar o presente e o futuro do país passou a ser coisa do passado. Como você pode dirigir uma sociedade sem saber para onde ela vai? O mercado é quem decide tudo. O país passou a ser visto como uma empresa. Isso é um absurdo... Hoje, ignora-se a política, a macroeconomia é usada para suavizar o mercado.”*

Isso nós estamos vivendo hoje! Isso está tão atual como era em 2004. *“Hoje, ignora-se a política, a macroeconomia é usada para suavizar o mercado. A política passa a não ter nada a ver com a economia, separa-se uma coisa da outra e isso leva à situação que temos... O Brasil acumulou muito atraso, e esse atraso deveu-se à falta de política... Se existisse somente uma intervenção positiva”* – lembrando o positivismo – *“seria a intervenção do Estado no sentido de aumentar os investimentos, de forçar a sociedade a investir mais. O desenvolvimento é uma construção da sociedade, mas é preciso que ela tenha vontade de fazê-lo...”* Muito obrigado pela atenção de vocês.

“

Planejar o presente e o futuro do país passou a ser coisa do passado. Como você pode dirigir uma sociedade sem saber para onde ela vai? O mercado é quem decide tudo. O país passou a ser visto como uma empresa. Isso é um absurdo...



Celso Furtado (1920-2004) - Economista, primeiro superintendente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e primeiro titular do Ministério do Planejamento, no governo de João Goulart.

REALIZAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS, 1930-1945

1930

Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio
Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública



1931

Departamento dos Correios e Telégrafos
Conselho Nacional de Educação (CNE)



1932

Código Eleitoral: Justiça Eleitoral | Voto feminino | Voto secreto
Carteira de Trabalho

1933

Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA)
Lei da Usura



1934

Instituto Nacional de Estatística (INE)

1935

A Voz do Brasil



1936

Subordinação das Polícias Militares ao Exército

1937

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)



1938

Conselho Nacional do Petróleo (CNP)
Conselho Nacional da Indústria (CNI)
Departamento de Administração e Serviço Público (Dasp)



1939

Instituto de Resseguros do Brasil (IRB)
Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)



1940

Lei do Salário Mínimo
Rádio Nacional é incorporada à União



1941

Ministério da Aeronáutica
Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)



1942

Companhia Vale do Rio Doce (CVRD)
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai)
Fábrica Nacional de Motores (FNM)



1943

Força Expedicionária Brasileira (FEB)
Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)

1945

Academia Brasileira de Música (ABM)
Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf)

REALIZAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS, 1951-1954

1952

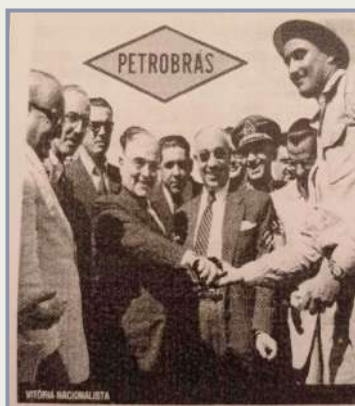
Lei da Remessa de Lucros
Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE), hoje BNDES
Banco do Nordeste do Brasil (BNB)
Instituto Brasileiro do Café (IBC)

1953

Petróleo Brasileiro S. A. (Petrobras)
Ministério da Saúde
Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex)

1954

Propôs a criação da Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (Eletrobras),
instituída em 1962.





Primeira página do jornal Correio do Povo, de 25 de agosto de 1954.

Vitor Iório

Coordenador da Comissão de Educação da ABI e professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Em primeiro lugar, gostaria de reforçar o meu agradecimento ao professor Darc Costa. Eu não poderia deixar de contar aqui, neste ato, uma pequena história pessoal. Quando o doutor Getúlio deu um tiro no peito, eu tinha seis anos de idade. Lembro-me perfeitamente da tristeza que se instalou na minha casa, uma casa getulista.

Mais adiante, ouvi de meu tio, médico e irmão do meu pai, que foi médico da dona Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, que aquele tiro no peito havia afastado o golpe que viria em 1964. Essas passagens ficaram marcadas por muito tempo e se acentuaram com o regresso de Leonel Brizola do exílio, quando, em mais um golpe, retiraram de Brizola o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Portanto, paralelamente a esse homem que fez tanto pelo Brasil, o que ocorreu foram sucessivos golpes.

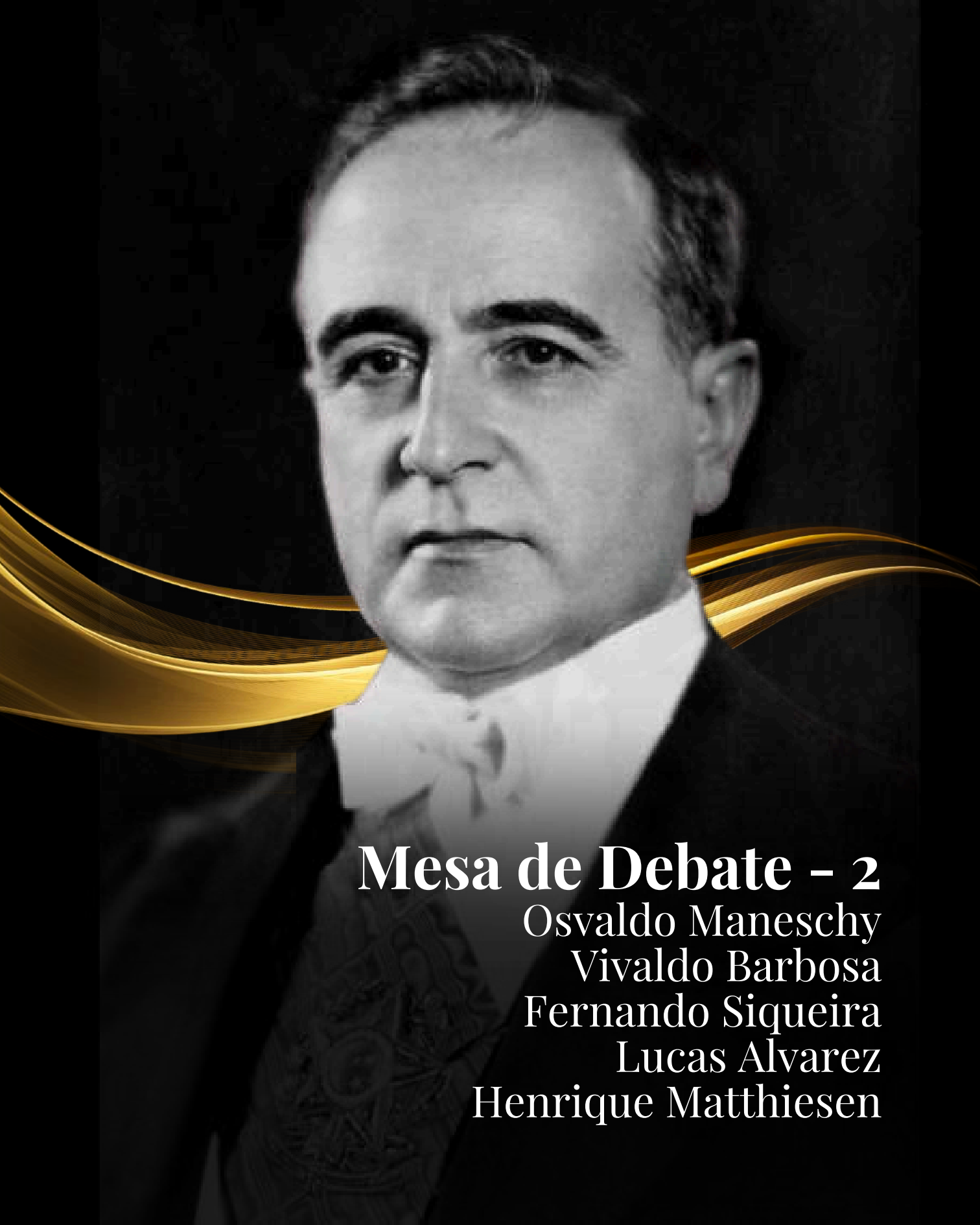
É como se o trabalhismo fosse o saco de pancadas deste país. Em 1994, lembro-me de uma frase do presidente Fernando Henrique Cardoso, que disse que ali estaria se instalando o fim da era Vargas. Quer dizer, sofremos esses golpes sucessivos que, na minha opinião, se encerram com essa frase do presidente, que nos trouxe um Brasil completamente diferente daquele que Getúlio Vargas idealizou e nos entregou. Muito obrigado.



Pijama usado por Vargas na madrugada do suicídio. Acervo do Museu da República.



Multidão recebe Leonel Brizola em São Borja (RS) no retorno do exílio no Uruguai. Foto: Agência RBS.



Mesa de Debate - 2

Oswaldo Maneschy

Vivaldo Barbosa

Fernando Siqueira

Lucas Alvarez

Henrique Matthiesen



Fernando Siqueira, Lucas Alvarez, Osvaldo Maneschy, Vivaldo Barbosa e Henrique Matthiesen.

Osvaldo Maneschy

Jornalista, membro do Diretório Nacional do Partido Democrático Trabalhista (PDT), ex-subsecretário de Imprensa do governador Leonel Brizola e ex-conselheiro do Conselho Deliberativo da ABI

Boa tarde a todos, especialmente aos alunos dos colégios estaduais de São Gonçalo. Vamos formar a próxima mesa agora, mas antes gostaria de dar um recado, principalmente para vocês, jovens que estão aqui. O Vitor Iório, que me antecedeu, mencionou que tinha seis anos de idade quando Getúlio Vargas morreu. Olha, gente, foi algo tão importante, tão marcante! Eu tinha quatro anos e também me lembro do dia em que Getúlio Dornelles Vargas faleceu. Um tiro no coração para garantir o legado, tudo isso que o professor Darc Costa mencionou para vocês.

O trabalhador brasileiro não tinha horário de trabalho, carteira de trabalho ou previdência social. Não tínhamos uma Petrobras, que hoje é essa locomotiva do desenvolvimento brasileiro. O Darc explicou para vocês a importância da industrialização e que o Brasil dos anos 30, e antes disso, era um país rural que produzia basicamente café. O grande produto nacional, que gerava divisas para o país, era a exportação de grãos de café.

Vocês conseguem imaginar o Brasil inteiro hoje, com mais de duzentos milhões de habitantes, vivendo só da produção de café? Esse era o Brasil que encontramos em 1930, quando Getúlio Vargas chegou ao poder. Ele imediatamente criou o Ministério do Trabalho, o Ministério da Educação e valorizou a educação pública. Há uma diferença muito grande para vocês, que são alunos de escola pública.

Eu sou fruto da era Vargas. Sempre estudei em escola pública durante toda a minha vida, pois meu pai era guarda de trânsito. Se não fosse a escola pública, eu não teria tido a oportunidade de estudar. Peguei o final da era Vargas. Fiz o jardim da infância público, o primário público, o secundário público, em Niterói, no Liceu Nilo Peçanha, que era equivalente ao Colégio Pedro II aqui do Rio, e também a universidade pública. Sou formado em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF).



Em 9 de abril de 1941 o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A CSN foi a primeira produtora integrada de aços planos no Brasil, um marco no processo brasileiro de industrialização. O seu aço viabilizou a implantação das primeiras indústrias nacionais, núcleo do atual parque fabril brasileiro.

Vargas restaurou o sonho do estadista José Bonifácio de Andrada e Silva, Patrono da Independência do Brasil, de colocar um liceu em cada cidade brasileira. Vargas trabalhou arduamente pela escola pública de qualidade e se dedicou, como poucos, à industrialização do Brasil, criando a Companhia Siderúrgica Nacional. Para vocês entenderem, quando Vargas assumiu o poder, o Brasil não fabricava uma agulha, uma enxada, uma picareta. Tudo era importado, porque não tínhamos aço.

Nós já éramos um dos maiores exportadores de minério de ferro do mundo, mas estávamos condenados a importar enxadas, agulhas, alfinetes, porque não produzíamos aço no Brasil. Vargas criou a Fábrica Nacional de Motores para permitir que o Brasil avançasse no caminho da industrialização. Criou, como o Darc mencionou, uma política de valorização do petróleo, começando com a criação do Conselho Nacional do Petróleo (1938), ainda no primeiro governo, que foi, em parte, uma ditadura. Vargas chegou ao poder através da Revolução de 1930, a única revolução que, segundo Darcy Ribeiro, pode e deve ser chamada de revolução de verdade neste país. Entre outras iniciativas, ele também criou o Ministério da Saúde. Mas eu estou mencionando tudo isso como uma complementação, como varguista, janguista e getulista, vindo de uma família de getulistas.

Agora, vamos formar a mesa, pois acho que já falei demais. Antes disso, quero falar para vocês sobre o livrinho preto que está lá na entrada. Trata-se de um artigo do jornalista José Augusto Ribeiro, que foi secretário-geral desta casa quando o doutor Barbosa Lima Sobrinho era presidente. Barbosa Lima Sobrinho foi um dos grandes nacionalistas deste país e também trabalhou com Getúlio na Era Vargas. Ele foi presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA).

Getúlio Vargas morreu aos 72 anos, nos ensinando a respeitar e amar o Brasil. E esta casa, para vocês que são estudantes e estão vindo aqui pela primeira vez, é importante que saibam que a campanha “O petróleo é nosso”, que levou à criação da Petrobras — a maior empresa do país hoje — foi crucial.

Recentemente, o governo anterior tentou destruir totalmente essa conquista, vendendo nossas refinarias, nossos postos de gasolina e fatiando a Petrobras. Em breve, haverá uma palestra do engenheiro Fernando Siqueira, ex-presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobras (AEPET), que está aqui conosco. É uma das pessoas que imediatamente convido para falar e contribuir para a nossa mesa. Chamo, então, Fernando Siqueira, engenheiro e ex-presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobras, que está aqui representando a Associação.



De 15 a 17 de junho de 1979, ocorreu em Lisboa, Portugal, o “Encontro dos trabalhistas do Brasil com os trabalhistas no exílio”, organizado por Leonel Brizola. O evento reuniu centenas de lideranças trabalhistas para discutir a reorganização do movimento trabalhista. No último dia, os participantes redigiram a “Carta de Lisboa”, um importante documento que orientou a reorganização partidária após o fim da ditadura militar e a posterior aprovação da anistia.

Convido também o ex-deputado federal e nacionalista Vivaldo Barbosa, que atuou no primeiro governo de Leonel Brizola como secretário de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (1983-1986). Ele implementou a política de Leonel Brizola de respeito aos direitos humanos.

É importante lembrar que estávamos saindo de uma ditadura que não respeitava os direitos humanos, marcada por tortura e prisões. Infelizmente, hoje enfrentamos novos desafios, não por motivos políticos, mas por questões sociais, como o extermínio promovido pela ação criminosa de milícias e a convivência da polícia com milicianos e o tráfico. Vivaldo é um especialista nessa área e um grande trabalhista. Ele vai falar conosco sobre o trabalhismo. Vivaldo Barbosa, por favor, junte-se à mesa.

Chamo também para a mesa o diretor do Centro de Memória Trabalhista do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Henrique Matthiesen. Por favor, Henrique. Henrique é uma pessoa que, constantemente, trabalha para garantir que a história do trabalhismo e do Partido Democrático Trabalhista chegue às futuras gerações e a jovens como vocês. Ele se dedica a preservar e transmitir o legado histórico que, conforme nos ensinou Leonel Brizola, remonta à Revolução de 1930.

Nós, trabalhistas, temos história. O trabalhismo é tão importante que, após o fim

da ditadura e durante a reconstrução da vida política do Brasil, Leonel Brizola, que passou 15 anos no exílio, recomeçou a reorganização do trabalhismo enquanto ainda estava fora do país. No Encontro de Lisboa (1979), Brizola reuniu brasileiros que estavam lutando contra a ditadura com aqueles que viviam no exterior devido à repressão. Esse encontro marcou o início da reintegração do trabalhismo na vida pública brasileira. Contudo, enquanto a ditadura ainda estava no poder, a sigla do PTB, que Brizola já estava organizando, foi roubada e entregue a Ivete Vargas, uma pessoa alheia à história do trabalhismo e do PTB.

Todos vocês sabem, principalmente os jovens, da história do ex-deputado federal Roberto Jefferson, ex-presidente do PTB, bolsonarista e desequilibrado, que gosta de andar armado e recebeu agentes da Polícia Federal a tiros em sua casa quando foram cumprir um mandado de prisão a pedido do Supremo Tribunal Federal (STF).

E o PTB está voltando, com o Vivaldo Barbosa à frente desse esforço de reorganização. Não tem absolutamente nada a ver com o Roberto Jefferson. Vivaldo é uma pessoa séria, correta e digna. Gostaria de chamar à mesa também o companheiro Lucas Alvarez, que está substituindo a deputada estadual Martha Rocha, que infelizmente não pôde comparecer. Com a palavra, então, Vivaldo Barbosa.

Vivaldo Barbosa

Advogado, professor, doutor em Direito pela Universidade de Harvard, ex-secretário de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e ex-deputado federal (PDT-RJ)

Minha saudação, com emoção, a todos que vieram aqui. É inevitável pensar no dia de hoje e nas horas que antecederam o tiro no peito dado por Getúlio Vargas. Minha saudação especial à ABI e à sua direção, por terem idealizado este evento e refletido sobre esse momento. Rever o que está escrito aqui, “O Legado de Vargas”, o legado de Getúlio Vargas, que há 70 anos deu aquele tiro no peito.

Muita coisa pode ser dita sobre o legado de Vargas. O Darc Costa nos trouxe uma análise detalhada, uma lembrança e uma compreensão dos fundamentos que moldaram Getúlio Vargas. Ele fez uma relação profunda, uma ilustração e elucidação do que Vargas realizou e das consequências do seu legado. O Octávio Costa, o Vitor Iório e todos os demais também destacaram aspectos e ângulos importantes desse legado.

Poucas horas antecederam, a partir de agora, 70 anos atrás, o tiro no peito, o suicídio. Esse suicídio foi anunciado por uma carta-testamento, que é um dos documentos mais extraordinários da vida pública brasileira. Um tiro no peito, um suicídio, tem o seu grave impacto na mente humana. Um tiro no peito, o suicídio de um presidente da República

tem uma profundidade ainda muito maior na mente humana quando acontece. E isso veio exatamente no momento em que se produziu, pela lavra de Getúlio, e certamente com a ajuda dos seus colaboradores, um dos documentos mais extraordinários da vida brasileira que é a carta-testamento.

Exatamente, eu queria dizer aqui, que este fato do tiro no peito e a carta-testamento consolidaram a elucidação de um pensamento político. É este pensamento político que eu quero registrar aqui como o legado de Vargas.

Com tantas realizações, é difícil apontar qual é o maior legado de Vargas, mas acredito que a construção de um pensamento político brasileiro seja um dos mais importantes. Esse pensamento é o trabalhismo, que é autenticamente nacional, autenticamente brasileiro. Ele foi construído por tudo o que o Darc mencionou aqui, desde o início dos anos 1930, mas, especialmente, a partir de 1931, com uma série de medidas administrativas e legislações que marcaram uma nova etapa, não apenas na história do Brasil, mas, acima de tudo, na formação do pensamento político brasileiro.

“

Com tantas realizações, é difícil apontar qual é o maior legado de Vargas, mas acredito que a construção de um pensamento político brasileiro seja um dos mais importantes.

O trabalhismo tem inspirações nas diversas formas do socialismo europeu. E o trabalhismo tem inspiração nisso, em formas de pensamento que marcaram a humanidade mundo afora.

O Darc lembrou aqui da questão do marco do iluminismo, como elucidador do pensamento político da humanidade, e ao longo daquela trajetória, daquele caminho, a partir da Revolução de 1930, foi se formando, definindo este pensamento. O Darc chamou muita atenção aqui, de maneira muito correta, que são poucos acadêmicos no Brasil que afirmam isso, a questão do positivismo, a importância do positivismo, não apenas no Brasil, mas como pensamento, muito relegado, desconsiderado.

Darc deu uma grande contribuição em lembrar a questão do positivismo, a sua grande contribuição ao pensamento brasileiro. Getúlio trouxe com ele essa corrente progressista, basta lembrar que o Teixeira Mendes, o grande intelectual positivista, foi o primeiro que apresentou uma plataforma de legislação trabalhista no Brasil, e um dos aspectos fundamentais é que a jornada de trabalho ia ser de sete horas.

Os republicanos históricos progressistas, aqueles que apoiaram a campanha de Ruy Barbosa à presidência em 1910, os tenentistas, os progressistas... Getúlio trouxe consigo uma vasta corrente de pensadores, de progressistas, de pessoas que pensavam e sentiam o Brasil. Isso ao longo da década da Revolução de 1930.



Manifestação de trabalhadores em 1932. Fundo Correio da Manhã.

A partir daí, foi realmente consolidando uma prática, uma concepção, uma noção de Brasil. Mas é preciso registrar: essa noção de Brasil era a concepção do povo brasileiro. Lembremos que as primeiras medidas legislativas e administrativas, a partir de 1931, foram elementos fundamentais da legislação trabalhista. O trabalhador brasileiro foi o primeiro contemplado pela política econômica de Getúlio, para reforçar aquela ideia, aquela concepção, de que a nação se faz com o povo. Getúlio tinha a ideia da nação, e nós hoje clamamos, é preciso revigorarmos e revivermos um projeto de nação, uma ideia de nação.

E essa ideia, em Getúlio, como um dos seus legados, era a questão do povo brasileiro. Então, o trabalhismo resulta dessas questões todas colocadas, dessa trajetória, com idas e vindas, erros e acertos, avanços e recuos, aos “trancos e barrancos”, como dizia Darcy Ribeiro. Aos trancos e barrancos forjou-se

um pensamento político autenticamente brasileiro, que também com raízes lá nas ideias das comunidades indígenas, daquela questão da imaginação da comunidade indígena, inspirou também o trabalhismo. Enfim, contemplou o trabalhador e a nação como objeto da ação do Estado. Também os nossos irmãos negros trouxeram concepções políticas, aquela ideia, realmente, que o africano cultiva, contempla, de um se ver no outro. Isso forjou e ajudou a compor a ideia do trabalhismo, como pensamento autenticamente nacional.

O Brasil ficou de pé, o Brasil foi colocado de pé por esse pensamento político. E agora, na fase brasileira em que nós atravessamos, vale muito a pena contemplar como legado de Vargas um pensamento político. Ele dotou o Brasil de um pensamento político. Agora, vale muito a pena contemplar que o Brasil, a política brasileira, foi retomada, repensada, a partir desse pensamento.



Reunião do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) no Rio Grande do Sul, com Getúlio Vargas ao centro. Fonte: CPDOC/FGV.

Aliás, é preciso dizer, esse pensamento foi tão forte, tão enraizado no Brasil, tão produto da alma brasileira, que o trabalhismo, corporificado na legenda do PTB em 1945, nunca perdeu uma eleição, até ser extinto em 1964, pelo golpe de Estado. O trabalhismo e o PTB apoiaram Eurico Gaspar Dutra, do PSD, na eleição presidencial de 1945. Getúlio apoiou Dutra. Depois Dutra passou muito para o outro lado, mas, em relação ao brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, o PTB não teve dúvidas, Getúlio não teve dúvidas, apoiou Dutra. Depois, a eleição do próprio Getúlio, em 1950. Em seguida, em 1955, a eleição de Juscelino Kubitschek, para presidente, e João Goulart, para vice. Aliás, Jango obteve muito mais votos do que Juscelino. Isso demonstra

como o trabalhismo estava presente na política brasileira.

E depois, até na eleição de Jânio Quadros, aquela figura esquisita, que falava, enfim, tantas coisas. Ao mesmo tempo, é preciso dizer que o Jânio, em 1960, como candidato a presidente da República, teve a coragem e a audácia de visitar Cuba. Visitou Fidel Castro, naquele começo, após a Revolução Cubana de 1959.

Jânio Quadros foi lá como candidato a presidente da República para expressar solidariedade a Fidel Castro. Depois, como presidente, condecorou Che Guevara, em 1961. Dias antes, tinha colocado Leonel Brizola para representar o Brasil na Conferência de Punta del Este, no Uruguai, também em 1961. Enfim, aquela figura esquisita, mas que tinha esses aspectos.

Acima de tudo, o povo brasileiro elegeu João Goulart como vice-presidente da República, numa época em que as votações para presidente e vice eram separadas. Mais uma eleição ganha pelo trabalhismo.

O trabalhismo nunca perdeu uma eleição no Brasil porque expressou o nosso sentimento, a ideia, o conceito e a concepção de nacionalidade. O trabalhismo compreendeu que a ideia de Brasil era a ideia do povo brasileiro. E é por isso que registro como um dos grandes legados, talvez o maior, de Getúlio Vargas, a construção desse pensamento político, que se evidencia com mais clareza e nitidez pelo impacto do tiro no peito que comoveu uma nação e pela carta-testamento que apontou os caminhos para o povo. Muito obrigado.

Fernando Siqueira

Engenheiro, vice-presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobras (AEPET)

Boa noite a todos e a todas. Agradeço a oportunidade de estar aqui com vocês. Eu tinha preparado algumas realizações do Getúlio Vargas, mas o Darc Costa explicitou tudo, deixou quase nada para a gente.

Em 1904, o Getúlio entrou na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em 1908, ele foi orador da turma. E, como orador da turma, ele falou, naquela época, com seus 26 anos, que era preciso nacionalizar a energia, a siderurgia, o cimento e o transporte ferroviário. Pois vocês vejam que um jovem de 26 anos tinha uma visão incrível de estratégia do nosso país.

Em 1930, como bem disse o Darc, ele chefiou uma revolução, governou provisoriamente e depois assumiu de vez a presidência do Brasil e foi como ditador até 1945. Em 1934, fez o primeiro decreto, segundo dados oficiais, criando o salário mínimo, a jornada de oito horas de trabalho, as férias e a independência sindical. Em 1938, o presidente do México, Lázaro Cárdenas, nacionalizou o petróleo mexicano e criou a Pemex, Petróleos Mexicanos S.A. Um mês depois, em 29 de abril de 1938, Getúlio criou o Conselho Nacional de Petróleo e nomeou para sua direção o general Júlio Caetano Horta Barbosa.

Horta Barbosa iniciou a perfuração de petróleo no Campo de Lobato, em Salvador, Bahia, mas teve uma reação muito forte da Standard Oil, que hoje é a Exxon, a maior empresa de petróleo do mundo na época. A Standard Oil fez uma campanha muito insidiosa a ponto do Horta Barbosa pedir demissão ao Getúlio.

Em 1947, o general Juarez Távora, que era considerado um nacionalista, fez uma palestra no Clube Militar dizendo que nós tínhamos que entregar o petróleo para estrangeiros porque não possuíamos competência e nem recurso. Os militares nacionalistas foram buscar o Horta Barbosa em casa, e ele desmontou, minuciosamente, a palestra do Juarez Távora, sendo aplaudido de pé por cinco minutos.

Convidado para uma segunda palestra, Horta Barbosa deu início à maior campanha cívica do país: a campanha “O petróleo é nosso”. Dela participaram todas as classes sociais – trabalhadores, estudantes, militares, todas as forças vivas do nosso país. E assim Getúlio mandou para o Congresso um Projeto de Lei para estabelecer o monopólio estatal de petróleo da União, e não da Petrobras, como costuma a grande mídia dizer.



Formatura de Vargas em Direito.

“
Como orador da turma, Vargas falou, naquela época, com seus 26 anos, que era preciso nacionalizar a energia, a siderurgia, o cimento e o transporte ferroviário - uma visão incrível de estratégia do nosso país.



Presidente Getúlio Vargas na inauguração da Petrobras, 1953.

Esse Projeto de Lei foi muito combatido. Então, um deputado do PTB-SP, Euzébio Rocha, apresentou um substitutivo, que foi então votado como a Lei 2.004, de 3 de outubro de 1953, que criou o monopólio estatal da União, e a Petrobras para exercer esse monopólio. A Petrobras teria um capital de 40% da União e 60% de estados e municípios.

Então a Petrobras, em 1954, deu início às suas atividades e descobriu todas as reservas que o Brasil tem hoje. E durante esse período ela foi muito combatida, até que, em 1990, o presidente Fernando Collor de Mello recebeu do Fundo Monetário Internacional (FMI) uma estratégia de privatizar a Petrobras. Como a Petrobras era uma empresa muito querida pelo povo brasileiro, não podia ser privatizada de repente, tinha que ser gradativamente. A estratégia era privatizar as subsidiárias, depois dividir a Petrobras em novas subsidiárias para privatizar.

Collor privatizou as três subsidiárias: Petroquisa (Petrobras Química S.A.), Petromisa (Petrobras Mineração S.A.) e Petrofértil (Petrobras Fertilizantes S.A), por preços aviltados. Nós entramos na Justiça contra isso, acionamos o Tribunal de Contas da União (TCU), mas não conseguimos impedir. Veio o presidente Itamar Franco, suspendeu o processo e nomeou Fernando Henrique como ministro das Relações Exteriores, em 1992, e depois, em 1993, ministro da Fazenda.

Fernando Henrique passou alguns meses nos Estados Unidos, voltou com a cabeça feita, com a lavagem cerebral, para desmontar a Era Vargas. Ele declarou, taxativamente, que “é o fim da Era Vargas”. E ele fez, como primeiro ato, a modificação da ordem econômica brasileira com cinco itens.

Primeiro: igualou empresa brasileira com empresa estrangeira. Com isso, ele abriu o subsolo brasileiro

para as empresas estrangeiras, que antes só podiam ter 49% das ações, passaram a ter 100% e, com muito mais poderio do que as nacionais, arrasaram o subsolo brasileiro.

Segundo: fez a quebra do monopólio da navegação de cabotagem, permitindo que empresas estrangeiras entrassem nos nossos rios para escoar nossas riquezas.

Terceiro: vendeu a Vale do Rio Doce por 3 bilhões de reais, que, segundo o físico Luiz Pinguelli Rosa, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), valia mais de 100 bilhões de reais.

Quarto: quebrou o monopólio das telecomunicações. Vendeu a Telebras (Telecomunicações Brasileiras S.A.) por 13 bilhões, depois de gastar 20 bilhões para a saneá-la.

Quinto: mexeu na Petrobras, tirando a exclusividade da Petrobras para ser a executora do monopólio. Abriu para empresas estrangeiras entrarem e produzirem o nosso petróleo.

Em 1997, fez a Lei 9.478, a Lei de Concessão, que quebra o monopólio da União e dá a propriedade do petróleo a quem o produzir. Então, o petróleo ficou monopólio enquanto estava lá no subsolo. A partir da produção, ele seria de empresas estrangeiras. No ano 2000, o presidente da Petrobras, Henri Philippe Reichstul, vendeu 36% das ações da Petrobras na Bolsa de Valores de Nova Iorque por 8 bilhões de reais. No entanto, e a Petrobras foi avaliada em 400 bilhões de reais na Bolsa de Valores de São Paulo, e 36% foram vendidos por 8 bilhões.

Em 2003, veio o governo Lula. Em 2006, foi descoberto o pré-sal, a maior reserva dos últimos 30 anos descoberta no mundo. Eu fiz várias palestras pelo Brasil, mostrando que o pré-sal era a maior oportunidade do Brasil deixar de ser o eterno país do futuro.

E hoje, companheiros, eu quero fazer uma denúncia aqui, em primeira mão, publicamente, que o pré-sal está sendo a grande frustração do povo brasileiro. Por quê? Porque quando os diretores da Petrobras disseram para o Lula que a lei do Fernando Henrique entregava o petróleo para as estrangeiras, o Lula fez um grupo de trabalho para criar um novo marco regulatório do setor petróleo. E aí, o grupo de trabalho fez quatro projetos de lei, um deles foi a Lei de Partilha, que retoma a propriedade do petróleo para a União, anulando a lei do Fernando Henrique. Mas, ao elaborar essa lei, o cartel do petróleo, plantado no Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP), cujo presidente era de uma empresa do cartel, botou uma emenda que diz que o *royalty* pago será ressarcido em petróleo. Ou seja, a empresa paga o *royalty* e recebe de volta em petróleo. Um absurdo completo. Esse projeto saiu da Câmara dos Deputados para o Senado Federal. Eu fui ao Senado falar com senador Pedro Simon (PMDB-RS). Pedro Simon fez um discurso fortíssimo condenando essa emenda. O senador Romero Jucá, relator, prometeu retirar a emenda. Retirou, mas no seu projeto final a recolocou de volta em quatro artigos. E como era difícil anular a emenda em

quatro artigos, precisava um partido para cada artigo, nós convencemos o Pedro Simon a fazer uma emenda numa lei seguinte, a Lei dos *Royalties*, de 2012.

A Lei de Partilha era de 2010 e a Lei dos *Royalties* de 2012. Portanto, uma lei posterior revoga a legislação em contrário. O Pedro Simon fez uma emenda dizendo que o *royalty* é um bem da União.

Aliás, o *royalty* é uma indenização pelo uso de um bem da União. Portanto, não pode ser colocado nas despesas e nem pode ser ressarcido em hipótese alguma. Pois bem, essa lei não está sendo cumprida. De forma que, companheiros, vocês podem entrar na internet e podem ver lá que o Brasil está recebendo, por conta do pré-sal, 1% em petróleo. No mundo, os países recebem 80% do petróleo produzido em seu território. Nós estamos recebendo 1%, porque a Agência Nacional do Petróleo não está cumprindo a emenda do Pedro Simon. Nós temos que fazer um movimento social para resgatar a maior riqueza que esse país já teve, a maior chance.

Para vocês terem ideia, a Noruega era o segundo país mais pobre da Europa. Descobriu o petróleo e se tornou o país mais adiantado do mundo. Melhor bem-estar social, melhor qualidade de vida, melhor educação, só usando petróleo. E nós temos uma reserva muito maior que a da Noruega e estamos vendo o nosso povo morrer de fome. Pelo artigo 1º da Constituição: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos”.

Como os nossos representantes eleitos são muito ruins, nós temos que exercer o nosso poder nas ruas, através das associações como a ABI e o nosso sindicato. Muito obrigado e uma boa noite para vocês.

“
Hoje, companheiros, eu quero fazer uma denúncia aqui, em primeira mão, publicamente, que o pré-sal está sendo a grande frustração do povo brasileiro.

“
O Brasil está recebendo, por conta do pré-sal, 1% em petróleo. No mundo, os países recebem 80% do petróleo produzido em seu território.

Lucas Alvarez

Jornalista, professor universitário e pesquisador

Boa tarde a todos e todas. Quero cumprimentar os homens e mulheres de imprensa presentes nesta casa, na pessoa do meu professor, Fábio Iório, que está lá no fundo da sala. Cumprimento também o ex-deputado Vivaldo Barbosa e o Fernando Siqueira, com quem milito há bastante tempo em defesa das causas nacionais, além do professor Darc Costa, que também foi meu professor.

Gostaria de fazer uma pergunta para a garotada dos colégios. Quem aí já viu, no bairro de vocês, no subúrbio do Rio, em Niterói ou em São Gonçalo, uma fábrica fechada? Era uma fábrica e fechou. Quem viu? Muita gente, né? Eu ando muito por São Gonçalo, pela Baixada Fluminense, pela Avenida Brasil, e vejo fábricas fechadas por todos os lados. Fábricas que ficaram abertas até a década de 1990 e que fecharam, deixando galpões abandonados.

Por que estou dizendo isso? Porque hoje estamos lembrando o sacrifício cívico do presidente Vargas em prol da democracia e da soberania do Brasil, em 1954, naquela noite fatídica. Mas precisamos lembrar também da importância de Getúlio hoje, porque ele está mais vivo do que nunca. Sabe por que ele está vivo? Ele era positivista, e os positivistas têm uma frase muito importante para eles: “Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos”.

Isso não é espiritismo, com todo respeito. Isso é o contrato, o pacto que temos com aqueles que vieram antes de nós e com aqueles que virão depois. Getúlio morreu em 1954 para que, 70 anos depois, continuássemos lutando pela soberania do Brasil e para que o país deixasse de ser uma colônia. Getúlio morreu em 1954 para que nós, 70 anos depois, seguissemos lutando por um projeto nacional de desenvolvimento que torne o Brasil uma economia desenvolvida e uma liderança no cenário geopolítico.



Material da campanha eleitoral de Getúlio Vargas.

Ele morreu há 70 anos para nos deixar uma doutrina, uma bandeira com soluções completas para os problemas sociais do nosso país: o trabalhismo. Getúlio continua vivo entre nós, em seus escritos, discursos, práticas políticas e nos herdeiros políticos que deixou, muitos dos quais chegaram até nossos dias, como o ex-governador Leonel Brizola, com quem ainda tivemos a oportunidade de conviver e aprender. Portanto, Vargas segue muito vivo.

A data de hoje é uma data de lembrar um ato de sacrifício, mas de celebrar o que o Getúlio tem a nos ensinar. Minhas palavras hoje vão ser palavras breves, porque nós somos aqui premidos pelo tempo, mas eu queria parabenizar essa casa por ter aberto as portas para uma comemoração, no fim das contas, porque nós estamos recordando o sacrifício, mas, sobretudo, comemorando uma trajetória de vida e um legado deixado para o nosso país. Muito obrigado.

NÓS QUEREMOS GETULIO



PORQUE GETULIO REPRESENTA O BEM DO BRASIL;
PORQUE GETULIO FEZ DE UM PAIS GRANDE UMA GRANDE POTENCIA;
PORQUE GETULIO SOUBE DIRIGIR E RESGUARDAR O BRASIL NA FASE MAIS TORMENTOSA QUE A HUMANIDADE PASSOU;
PORQUE GETULIO E UM GENIO POLITICO DE QUE O BRASIL SE ORGULHA E O BRASILEIRO SE ENVAIDECE;
PORQUE GETULIO E UM HOMEN DO POVO E PORQUE GETULIO TEN BON CORACAO;
PORQUE GETULIO SO TEN COMPROMISSOS COM OS HOMENS QUE TRABALHAN E POR ELES E ESTIMADO;
PORQUE OS POLITICOS NAO GOSTAN DE GETULIO;
PORQUE OS GANANTIOSOS EXPLORADORES DO POVO E OS HOMENS DO CAMBIO NEGRO QUEREN AFASTAR A GETULIO;
PORQUE ANTES DE GETULIO, O TRABALHADOR, O VAGABUNDO E O CRIMINOSO, SE CONFUNDIAM NO MESMO CASO DE POLICIA;
PORQUE GETULIO VIU QUE O TRABALHADOR TINHA DEVERES E LHE DEU DIREITOS; TINHA FAMILIA E LHE DEU ASSIS-
TENCIA; TINHA FOME E LHE DEU PAO; ESTAVA DOENTE E LHE DEU HOSPITAL; QUE FICAVA VELHO E LHE DEU
APOSENTADORIA; QUE MORRIA E LHE GARANTIU A FAMILIA; QUE O TRABALHADOR TINHA FILHO E LHE DEU
ESCOLA; QUE O OPERARIO ERA HOMEN E LHE DEU A MAO; ENFIN, GETULIO VIU QUE O TRABALHADOR ERA
GENTE E LHE DEU UMA SITUACAO NA SOCIEDADE.

E' POR ISSO QUE
NÓS QUEREMOS GETULIO

Cartaz queremista lista uma série de feitos do presidente que justificariam sua manutenção no poder, 1945.



Manifestação queremista no Rio de Janeiro, 1945.



Getúlio Vargas com outros líderes da Revolução de 1930 em Itararé (SP), logo após a derrubada de Washington Luís. Foto: Claro Jansson.

Henrique Matthiesen

Coordenador do Centro de Memória Trabalhista, da Fundação Leonel Brizola - Alberto Pasqualini (CMT/FLB-AP)

Primeiro, quero expressar minha satisfação de estar neste prédio, um templo das maiores lutas do povo brasileiro. A ABI sempre esteve ao lado do povo. Nesta homenagem que faço à ABI, cumprimento ao seu presidente, Octávio Costa, e meu amigo Osvaldo Maneschy pelo convite ao Centro de Memória Trabalhista, além de cumprimentar todos os membros da mesa.

Todos aqui já falaram bastante sobre o legado de Getúlio Vargas: suas obras, empresas e leis. Eu gostaria de abordar um pouco o legado imaterial de Getúlio Vargas. Para isso, gostaria de citar o livro de Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*.

Quem é o povo brasileiro? Quem somos nós? Na visão antropológica de Darcy Ribeiro, as matrizes que compõem o Brasil são três: a portuguesa, a indígena e a africana. Acontece que, nessa visão antropológica, essas três matrizes vão se queimando como carvão.

E elas vão perdendo suas características culturais, as suas etnias. De repente, o índio já não é mais índio, o europeu já não é mais europeu, e o negro africano já não é mais negro africano.

Quem é essa gente que compõe o povo brasileiro? Quem são essas três matrizes que vão se desconstruindo em suas etnias? Darcy Ribeiro chama essa gente de “ninguendade”. Para ele, o Brasil é composto pela “ninguendade”. E o que Getúlio Vargas tem a ver com essa visão antropológica descrita por Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro*? É que a Revolução de 1930 é a revolução da “ninguendade”. Ora, o que a Revolução de 1930 encerra? A República Velha. E a República no Brasil foi constituída como uma reação à Lei Áurea (1888). Dentro das Forças Armadas, havia uma reação contra quem aboliu a escravidão no Brasil. Portanto, a Revolução de 1930 veio libertar de vez não apenas o negro, mas a “ninguendade” como um todo.



Populares rezam por Getúlio Vargas em frente à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, 1954.

Essa “ninguendade” a quem Getúlio Vargas concede direitos, por meio do Ministério do Trabalho, do Ministério da Educação e do Ministério da Saúde, vai criando uma identidade, vai criando novas raízes. Getúlio Vargas constrói essa identidade. O maior bem imaterial da era Vargas é o povo brasileiro. Getúlio dá uma identidade ao povo brasileiro.

Evidentemente, as elites do Brasil, que também se formam na desconstrução étnica de suas matrizes, têm suas características: escravocratas, violentas e sanguessugas do Estado. Essa mesma elite leva Getúlio ao suicídio. Entretanto, naquele 24 de agosto, quando Getúlio dá um tiro no peito, ele afirma em sua carta-testamento que é para que esse povo nunca mais seja escravo.

Mais do que isso, o que diz a carta-testamento de Getúlio Vargas? O tiro que ceifou a vida física de Getúlio Vargas naquele trágico dia atinge estrategicamente a alma golpista dos algozes do povo brasileiro. O tiro que tirou a vida de Getúlio Vargas fez dele algo maior do que sua própria existência. Getúlio Vargas transcendeu a existência como o maior líder político que este país já produziu.

“
O maior bem imaterial da era Vargas é o povo brasileiro. Getúlio dá uma identidade ao povo brasileiro.

Falamos de um homem que nasceu no século XIX, governou no século XX e é referência no século XXI. Esse é Getúlio Vargas, que a elite brasileira não conseguiu matar. Entra governo, sai governo, e a elite deste Brasil tenta, desesperadamente, desmontar a era Vargas, mas não consegue. Isso acontece porque Getúlio Vargas passa de um personagem político da história brasileira para se tornar uma ideia, uma bandeira, uma identidade para o povo brasileiro. Esse é o maior legado de Getúlio Vargas. Muito obrigado a todos.

Projeção de vídeo



Imagem do vídeo com a fala do professor Muniz Sodré.

Muniz Sodré

Sociólogo, jornalista, colunista da Folha de S.Paulo e professor emérito da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Boa noite, meu nome é Muniz Sodré e sou professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Acredito que estou suficientemente velho para falar de Getúlio Vargas. Na verdade, eu o conheci pessoalmente quando tinha 9 anos, em Feira de Santana, na Bahia. Meu pai era do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e organizou um comício de Getúlio em Feira de Santana. Depois, conheci Getúlio em um almoço. Foi uma experiência emocionante. Na época, Getúlio era um mito.

No entanto, ao crescer, sempre fui avesso a qualquer ditadura, e Getúlio foi um ditador. Mas foi um ditador que tinha brechas na direção do povo, porque ele tentou, de algum modo, inventar, aliás, como alguns intelectuais, um povo nacional.

Getúlio precisava inventar um povo trabalhador e adotou medidas nacionalistas e culturais importantes. Vou falar um pouco sobre uma delas, que conheço de perto: a abertura que Getúlio Vargas fez para a capoeira.

Quando eu era jovem em Salvador (BA), fui discípulo do famoso Mestre Bimba, o criador da Capoeira Regional. Inclusive, escrevi um livro biográfico intitulado *Mestre Bimba: Corpo de Mandinga*. Mestre Bimba tinha na sua academia, pendurada, uma autorização da Secretaria de Esportes da Bahia que o reconhecia como instrutor físico, porque, antes dele, a capoeira era proibida. Bimba foi o primeiro a ter uma academia de capoeira em uma casa. Ele também tinha um recorte de jornal com uma foto dele ao lado de Getúlio.



Mestre Bimba cumprimenta o presidente Getúlio Vargas após uma apresentação em 1953. Na ocasião, Vargas declarou: “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional.”

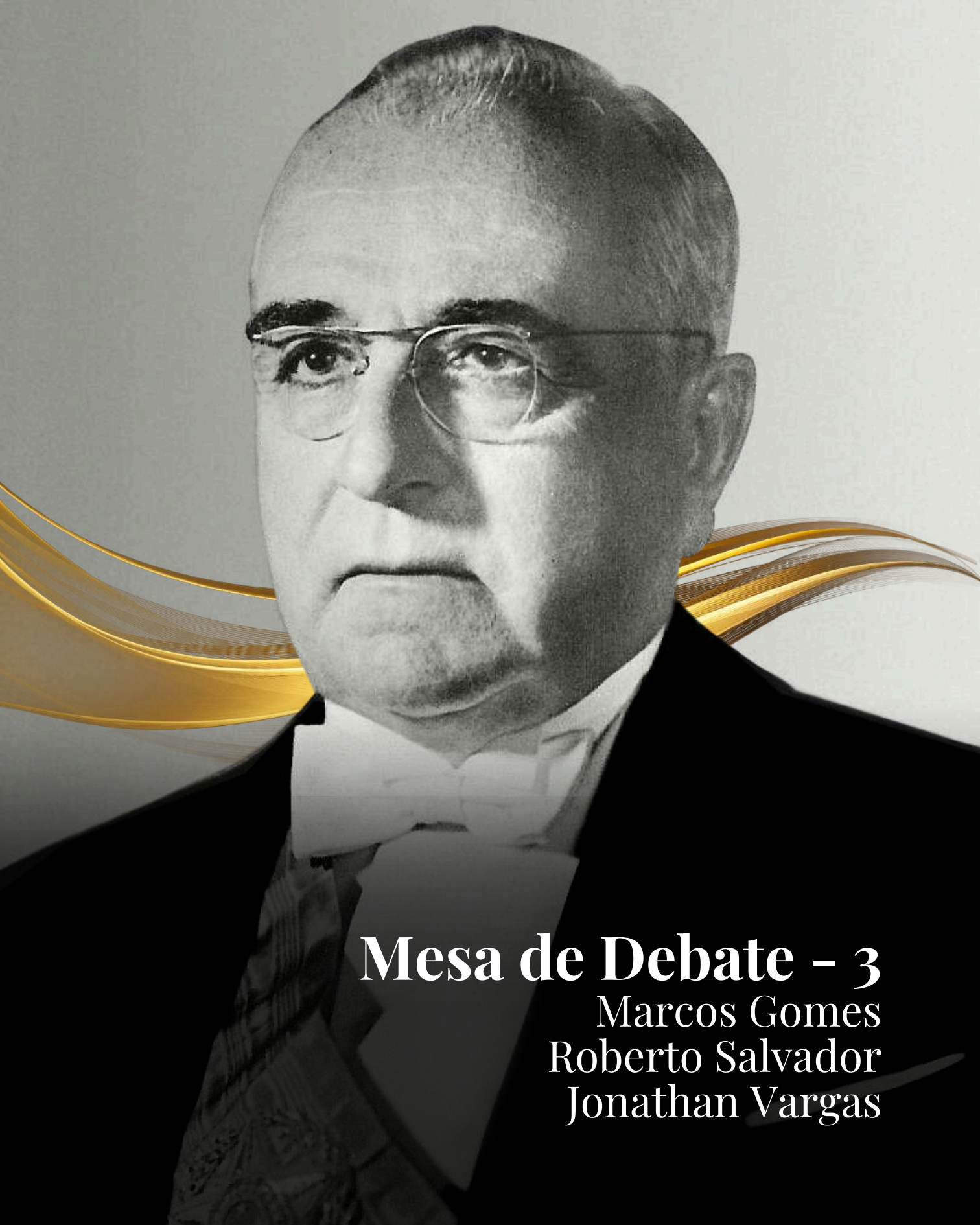
Sim, porque quando Getúlio foi à Bahia em 1953, o governador Régis Pacheco convidou o famoso Mestre Bimba — que já era muito conhecido — para fazer uma exibição de capoeira para Getúlio no Palácio da Aclamação, em Salvador. Getúlio aparece em uma foto ao lado de Bimba, ambos sorridentes: Bimba ao lado do presidente da República. De certo modo, esse gesto contribuiu para a descriminalização da capoeira, pois, a partir daí, houve quem passasse a considerá-la um esporte nacional.

Outras mudanças também ocorreram em relação aos cultos religiosos. Eles não foram descriminalizados diretamente por Getúlio, mas o impulso já havia sido dado. Jorge Amado, quando foi deputado federal constituinte (1946-1948), avançou nesse sentido, oferecendo elementos para a descriminalização dos cultos.

Na Bahia, para que os cultos afros funcionassem, quando eu ainda era adolescente, era necessário obter uma permissão da Delegacia de Costumes. Na porta

da delegacia, havia uma lista das casas autorizadas a “bater”, ou seja, a funcionar. Esse aspecto do varguismo, essa faceta benevolente do getulismo, de algum modo, refletia positivamente na cultura popular, pois havia uma ideologia populista na ditadura Vargas. Essas nuances e aspectos tornaram Getúlio popular e conhecido como o “Pai do Povo”. Claro que, por trás disso, havia uma ditadura brutal. No entanto, existia um “acerto” implícito na ideologia varguista com o povo, algo que, na cultura baiana e no axé, chamamos de “acerto”.

Então, eu testemunhei isso, não só como repórter incipiente que eu era, mas também político estudantil e como esquerdista, que sou até hoje. Embora sempre refratário a qualquer ditadura e a qualquer autoritarismo, tenho que conceder que na ditadura getulista havia essa brecha, abria essa brecha para o povo. Eu acho que isso, de certo modo, acabou. Porque o povo hoje, pelos ditadores que se tentam implantar hoje, é uma mistificação. Obrigado.



Mesa de Debate - 3

Marcos Gomes
Roberto Salvador
Jonathan Vargas



Roberto Salvador, Marcos Gomes e Jonathan Vargas.

Marcos Gomes

Jornalista, presidente do Conselho Deliberativo da ABI

Boa noite a todos e todas. Estamos chegando à reta final desta singela, mas justa homenagem ao presidente Getúlio Vargas, “O Legado de Vargas”, 70 anos da sua morte. Eu nasci quatro anos depois da morte de Vargas. Eu sou de 1958 e Vargas se suicidou em 1954. Daquela época, guardo na memória a imagem da foto de Getúlio, após a campanha “Bota o retrato do velho outra vez”. Nas casas dos meus tios, primos, parentes e de toda a camada popular brasileira, todo mundo tinha a foto de Getúlio. Também guardo como legado dele todas as minhas carteiras de trabalho, símbolo de um período importante do nosso Brasil, que tomara volte rapidamente.

Para compor esta mesa, quero convidar o radioator e pesquisador Roberto Salvador, grande figura do radioteatro brasileiro, com quem tenho orgulho de dividir esta mesa. Faço questão também de chamar Jonathan Vargas, bisneto do presidente Getúlio Vargas. Antes de passar a palavra aos últimos dois palestrantes, vamos assistir a um *trailer* do documentário dirigido pelo jornalista Beto Almeida, que também é conselheiro da ABI: “Vargas, a transformação do Brasil”.



O cantor Francisco Alves (à esquerda), conhecido como o Rei da Voz, e o compositor Haroldo Lobo, que, em parceria com Marino Pinto, compôs o jingle “Retrato do Velho” para a campanha de Getúlio Vargas à presidência em 1950. A música tornou-se uma marchinha de sucesso no carnaval de 1951: “Bota o retrato do velho outra vez / Bota no mesmo lugar / O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar”.

Projeção de vídeo

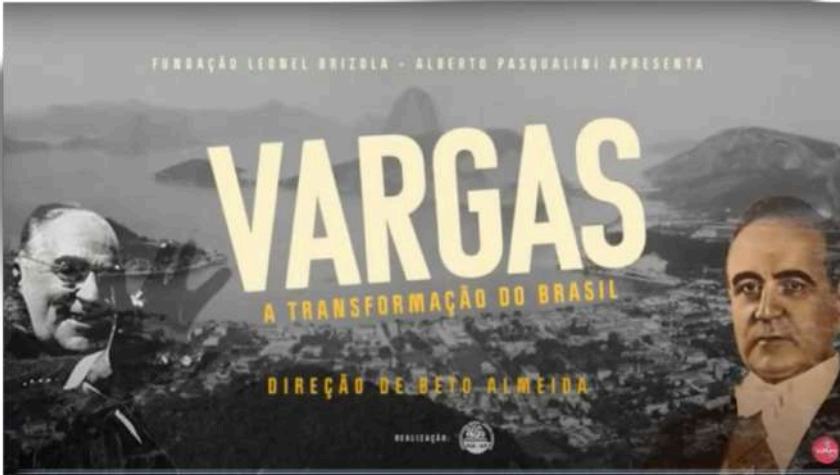


Imagem do documentário “Vargas, a transformação do Brasil”, dirigido pelo jornalista Beto Almeida. Baseado na trilogia A Era Vargas, do escritor e jornalista José Augusto Ribeiro, o filme é uma realização da Fundação Leonel Brizola – Alberto Pasqualini (FLB-AP), em parceria com a Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET).

Vargas: a transformação do Brasil

Trecho do documentário dirigido pelo jornalista Beto Almeida

‘Trabalhadores do Brasil!’ Getúlio era filho de um abolicionista e republicano que lutou como voluntário na Guerra do Paraguai, junto aos escravos negros, os Voluntários da Pátria. Foi alfabetizado por um ex-escravo e seu melhor amigo de infância, Isaiás, era filho de escravo. Leitor voraz, como jornalista e estudante, denuncia a coação da história que explora os países periféricos. Como ministro da Fazenda, inaugura as audiências públicas abertas, dialogando com populares que se enfileiravam na rua Visconde de Inhaúma, no Rio antigo.

Lidera a Revolução de 1930, baseada na unidade cívico-militar de massas e armada, que o leva ao Palácio do Catete. Sepulta a República Velha. Cria o voto secreto, o voto feminino. Anistia os rebeldes tenentistas e os integrantes da Coluna Prestes. Em apenas um mês, cria os ministérios da Educação e do Trabalho, o Ministério da Revolução.

É fundador do Estado social brasileiro, com a CLT e a Previdência Social, hoje ameaçadas. Anula as concessões para exploração de petróleo por empresas multinacionais. Aprova o Estatuto da Lavoura Canavieira, a primeira experiência de reforma agrária e sindicalização rural no Brasil.

Na conturbada conjuntura mundial que condiciona o Estado Novo, Getúlio industrializa o Brasil, criando a Usina de Volta Redonda, a Hidrelétrica de Paulo Afonso e a Vale do Rio Doce, a maior mineradora do mundo.

Funda o Instituto Nacional de Música e convoca Villa-Lobos, o maior compositor das Américas, para a educação musical da juventude brasileira. Cria a Rádio Mauá, a emissora dos trabalhadores, a Voz do Brasil, e o jornal Última Hora. Realiza auditoria da dívida externa, reduzindo-a pela metade, anulando todos os contratos lesivos.

Eleito pelo voto popular em 1950, volta nos braços do povo. Os conservadores surtam. Monta o Banco Nacional de Desenvolvimento Social, o maior banco de fomento do mundo. Lança a Eletrobras e confessa ter assinado o seu próprio atestado de óbito. Funda a Petrobras, com base em ampla campanha cívico-militar. O Brasil cresce a taxas de 12% ao ano. Os conservadores conspiram.

Com um tiro no coração, derrota as aves de rapina, preserva todas as conquistas do povo brasileiro e elege como sucessores JK e Jango. Sai da vida para entrar na história.



Roberto Salvador

Radioator, diretor de programas educativos de TV, professor e ex-presidente da Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT)

Olá, boa noite. Vou tentar ser bem sucinto. Em 1911, foi fundado no Rio de Janeiro um jornal importantíssimo: *A Noite*. O jornal foi criado por Irineu Marinho, que mais tarde sairia do grupo *A Noite* e fundaria o jornal *O Globo*.

Dirigido por Irineu Marinho, o jornal *A Noite* era uma potência. Além do jornal, o grupo editava várias revistas. O jornal era tão influente que conseguiu construir, no Rio de Janeiro, um enorme prédio com 22 andares, um arranha-céu: o famoso Edifício *A Noite*.

Observem que esse prédio foi construído pela empresa *A Noite*. Ou seja, uma empresa jornalística teve a capacidade de erguer o primeiro arranha-céu da América Latina e o primeiro projeto em concreto armado da região. O centro da cidade ficou totalmente dominado pelo Edifício *A Noite*, que existe até hoje na Praça Mauá, embora esteja agora ofuscado pela quantidade de arranha-céus que surgiram depois. O edifício, construído em estilo *art déco*, apresentou um panorama completamente diferente do que havia na época no Rio de Janeiro, revolucionando a arquitetura brasileira de um modo geral.

O Edifício *A Noite* e o jornal *A Noite* eram propriedade de um americano da Pensilvânia chamado Percival Farquhar, que tinha empreendimentos significativos no Rio de Janeiro e em todo o Brasil. Ele era dono da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, além de outras empresas, como mineradoras, frigoríficos e a *Light and Power*, que deu origem aos primeiros bondes do Rio de Janeiro.

Percival Farquhar era um grande empreendedor que viu no Brasil um campo promissor para seu desenvolvimento. Onde ele investia, havia retorno, pois ele só aplicava seu capital em empreendimentos lucrativos. Por motivos que não cabem aqui descrever, a empresa *A Noite* entrou em processo de decadência.

Entretanto, em 1936, o jornal *A Noite* fundou também uma rádio: a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A emissora funcionou de maneira insuficiente de 1936 a 1940. Por quê? O grupo de Percival Farquhar já não estava indo bem e era pressionado por campanhas nacionalistas, o que fez com que seus negócios começassem a ruir.

É aqui que entra Getúlio Vargas. Vargas, que havia assumido o poder em 1930, era um grande entusiasta do rádio. Ele via o rádio com muita simpatia e acreditava em seu potencial. Estabelecido por Edgard Roquette-Pinto em 1922, o rádio estava emergindo no Brasil na década de 1930. Assim, surgiu a PRE-8, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, fundada pelo grupo A Noite.

Getúlio Vargas confiava muito no rádio e o utilizava amplamente. Ele via no rádio uma forma de unir o Brasil e transformá-lo em uma unidade cultural, dada a vastidão do país e a precária infraestrutura de comunicação da época. Havia poucos jornais e revistas, e o rádio era o único meio de comunicação capaz de alcançar os recantos mais remotos do Brasil. Vargas via o rádio como uma ferramenta para disseminar o projeto político-pedagógico de seu governo, instituído na década de 1930. Assim, o grupo A Noite, já pertencente ao americano, entrou em decadência e começou a acumular dívidas com o governo. Começou a dever.

Getúlio, que já estava de olho na possibilidade de ter um grande meio de comunicação capaz de difundir o seu projeto político, tendo em vista a inadimplência desse grupo junto ao governo federal, incorporou a Rádio Nacional ao patrimônio da União, pelo Decreto-Lei 2.073, de 8 de março de 1940. E a Rádio Nacional, a PR-8, a Sociedade Rádio Nacional, veio parar no colo do governo Getúlio Vargas. Ele, então, chamou um homem muito importante: Gilberto de Andrade.

Gilberto de Andrade era o braço direito de Getúlio Vargas, seu homem de confiança. Advogado, ele estava ligado ao Direito e ao meio artístico, já que, além de jurista, também escrevia peças de teatro. Era muito conhecido nesse meio. Getúlio colocou a pessoa certa no lugar certo — um homem que entendia de Direito e foi capaz de conduzir toda a engenharia política que possibilitou a incorporação da Rádio Nacional pelo governo.

Getúlio entregou, então, a Rádio Nacional com as seguintes ordens e determinações a Gilberto de Andrade: “Eu quero uma rádio eminentemente nacional, não apenas no nome, mas também em seu procedimento. Uma rádio que alcance todo o território nacional, que seja dos brasileiros, que fale a língua dos brasileiros, que toque a música dos brasileiros e que represente o sentimento dos brasileiros”.

“Esta rádio não precisa dar lucro. O lucro será o retorno da brasilidade”, acrescentou Getúlio. Os artistas da rádio, que estavam muito desconfiados, temendo que perderiam espaço e que a emissora se tornaria uma rádio chapa-branca, ficaram apreensivos.

O que Gilberto fez? Chamou os líderes da emissora, como o jovem maestro Radamés Gnattali, um dos maiores nomes da música brasileira e um dos maiores arranjadores que o Brasil já conheceu. Ele convocou Radamés Gnattali, que era um dos líderes da parte artística e musical da Rádio Nacional.



Edifício A Noite, Rio de Janeiro, década de 1930.



Getúlio Vargas e Roquette-Pinto, considerado o pai da radiodifusão no Brasil. Foto: Arquivo Nacional.

Dia 12
HOJE, SABBADO
SYNTONIZE
980
KILOCYCLOS
E OUÇA

PRE8
SOCIEDADE
RADIO NACIONAL
A GRANDE ESTAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

O MAIS COMPLETO E APERFEIÇADO APARELHAMENTO TÉCNICO

Sua potência máxima de irradiação de 95.000 Watts permite-lhe alcançar, com o mesmo volume e a mesma duração de som, todo o território nacional, e atender ao sítio com demais pontos sul-americano.

A MAIS PODEROSA E COMPLETA ORGANIZAÇÃO DE "BROADCASTING" aliada a A NOITE, A NOITE-ILUSTRADA, CARIOCA e VAMOS LER! oferecerá aos rádio-ouvintes do Brasil um conteúdo sempre noticioso e de reportagens, de Brasil e de outros países, em conjunto com os melhores programas, interpretados pelos seus novos artistas, servindo para milhões de ouvintes.

Cartaz da Rádio Nacional.



Radamés Gnattali, compositor.



Haroldo Barbosa, compositor.



Ademar Casé, do Programa Casé, avô da atriz Regina Casé.

Gilberto também chamou Haroldo Barbosa, então jovem e aluno de Ademar Casé, que havia trabalhado no Programa Casé e era um talentoso redator e criativo produtor de rádio. Além disso, convidou outro gênio do rádio antigo, José Mauro, e o renomado Almirante, como era conhecido o cantor e compositor Henrique Foréis Domingues. Todos eles vieram do Ademar Casé, do antigo Programa Casé. Esses eram os líderes da Rádio Nacional.

Gilberto chamou ainda para a área de radioteatro Victor Costa, que tinha origem no teatro de revista e trabalhava como ponto no teatro da Praça Tiradentes. Então, Gilberto reuniu todos e disse: “Ninguém vai perder o emprego. Ninguém vai para o olho da rua. Quero que vocês façam uma rádio de qualidade, uma rádio que não precisa dar lucro. O lucro será a representatividade dessa rádio no coração dos brasileiros”.

Mas aí entra, mais uma vez, o gênio de Getúlio Vargas. Antigamente, para ter um rádio em casa, era preciso pagar um imposto. Sabe onde se pagava? Nos correios. Se você tinha um rádio em casa, ia aos correios e pagava uma taxa para mantê-lo. Era com esse dinheiro que as rádios sobreviviam. Getúlio, então, decretou a criação da publicidade, autorizando a veiculação de anúncios no rádio.

O rádio passou a vender espaços publicitários, o que foi fundamental para o futuro, não só da Rádio Nacional, mas de todas as rádios do Brasil. O rádio se transformou em um grande vendedor de produtos.

Gilberto de Andrade criou uma filosofia e estabeleceu o padrão de qualidade da Rádio Nacional, algo semelhante ao que Boni criaria anos depois na Globo com o “padrão Globo de qualidade”. Na Rádio Nacional, isso não tinha um nome formal, mas era um verdadeiro padrão nacional de qualidade. Qualquer programa precisava ter qualidade, e qualquer profissional que fosse falar ao microfone da Rádio Nacional precisava ter talento e valor artístico.

Além disso, Gilberto de Andrade, com muita sabedoria, instituiu testes rigorosos para a admissão de artistas, mesmo para aqueles recomendados pelo Palácio do Catete. Naquela época, prevalecia o “QI” (quem indica), com indicações para empregos. Mas Gilberto exigia que todos fizessem um teste. Ele gravava o teste em disco, com a tecnologia rudimentar da época. Se alguém fosse recomendado pelo Palácio do Catete, fazia o teste. Se o teste fosse bom, a pessoa era contratada; se não fosse, o disco era mostrado à pessoa que havia feito a recomendação: “Você não tem capacidade para trabalhar na Rádio Nacional.”



Gilberto de Andrade, diretor da Rádio Nacional.



Auditório da Rádio Nacional.

Gilberto criou o setor de estatística na rádio, um departamento muito bem estruturado, onde o principal termômetro eram as cartas enviadas pelo correio, já que na época não havia internet. O retorno do público era todo via correio. Se um programa recebia muitas cartas, significava que era do agrado do público. Se um artista recebia muitas cartas, o mesmo se aplicava. Tudo isso era cientificamente elaborado. Esse setor era uma ferramenta importante para ser apresentada aos anunciantes.

Quando a Rádio Nacional precisava vender um horário, utilizava essa argumentação. O *feedback* era obtido pela correspondência. O setor de correspondência da Rádio Nacional era um dos mais bem organizados da época, pois funcionava como o termômetro da aceitação de programas e artistas, além de ser crucial para a venda de anúncios.

É importante destacar o alcance da Rádio Nacional. Em 1942, a Rádio Nacional já contava com uma emissora de onda média e três emissoras de ondas curtas.

Vou mencionar algo que poucos brasileiros sabem: a Rádio Nacional do Rio de Janeiro estava entre as cinco maiores emissoras de rádio do mundo. Estava no mesmo nível da BBC, no Reino Unido, e das americanas CBS e NBC, além de outras emissoras internacionais. Isso projetava o Brasil no exterior, alinhado à visão de Vargas de levar o pensamento brasileiro além de suas fronteiras. Era um sinal de vida inteligente transmitido pelo som do rádio, refletindo a expressão do sentimento nacional.

A Rádio Nacional explorou todas as possibilidades que o rádio oferecia na época. Seu ecletismo não tinha limites. Produzia programas musicais, radioteatros e criou um noticiário que se tornou uma referência nacional: o famoso Repórter Esso, o mesmo que, em 1954, anunciaria a morte de Getúlio Vargas.

Bom, meus amigos, eu entrei para a Rádio Nacional quando tinha 13 anos de idade. Me profissionalizei e ganhava meu salário, não trabalhava de graça. Trabalhei na Rádio Nacional por 10 anos, de 1952 a 1962.

Esses dez anos de trabalho foram incorporados à minha aposentadoria em 1990, com um total de 37 anos de serviço: 27 na iniciativa privada e mais dez na Rádio Nacional.

Eu estava na Rádio Nacional no dia 24 de agosto de 1954. Estava lá. Não pela manhã, porque eu estudava. Cheguei à Rádio Nacional para participar de uma novela em que atuava às duas horas da tarde, escrita por Mário Lago, e chegava para o ensaio às 13h. Eu fazia o papel de menino nessa novela. Quando cheguei à Rádio Nacional naquele dia, aos 16 anos, algo que nunca esquecerei, o clima nos corredores era, literalmente, de velório.

Getúlio, independentemente de tudo o que foi dito sobre ele, tinha um carisma muito grande junto aos artistas. Todos os artistas gostavam de Getúlio, até mesmo aqueles que não eram trabalhistas. Havia comunistas como Mário Lago, Jorge Goulart e Nora Ney, mas todos apreciavam e respeitavam Getúlio Vargas. Ele era um grande amigo dos artistas e do rádio. Acreditava profundamente no rádio e, mais do que isso, na Rádio Nacional.

Gostaria de acrescentar – aos que me antecederam e que mencionaram brilhantemente a criação da CLT, da Petrobras e outros grandes empreendimentos do genial político Getúlio Vargas – algo que presenciei e vivi: o apogeu da Rádio Nacional.

Gostaria de falar muito mais, mas, como fui criado no rádio e sempre mantive muita disciplina, encerro por aqui dizendo: muito obrigado.



Capa do primeiro número da Revista do Rádio, com foto de Carmem Miranda, 1948



Orlando Silva, o "Cantor das Multidões"



Almirante, "a maior patente do rádio"



Cauby Peixoto, fenômeno da época, canta no Programa César de Alencar, auditório lotado



Emília Borba, Marlene, Carmélia Alvez e outros cantores e cantoras no palco da Rádio Nacional



PRK-30, programa humorístico com Lauro Borges e Castro Barbosa



Emília Borba passa a faixa "Rainha do Rádio" para Ângela Maria, 1951



Cartaz de 1941 anuncia o lançamento do Repórter Esso



Multidão se aglomera em frente ao aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, para acompanhar o embarque do corpo de Getúlio Vargas para o enterro em São Borja, no Rio Grande do Sul, 1954. Foto: Agência Nacional/Arquivo Nacional.

Jonathan Vargas

Bacharel em Políticas Públicas, advogado eleitoralista e bisneto de Getúlio Vargas

Boa tarde, boa noite a todos. Primeiramente, gostaria de agradecer à ABI, na pessoa do Octávio Costa, por viabilizar um evento dessa magnitude e importância, em homenagem a um presidente que foi tão relevante, especialmente no século XX do nosso país. Quando recebi o convite do Octávio para estar presente aqui hoje, não poderia recusá-lo, especialmente por estarmos celebrando uma data tão simbólica, os 70 anos de sua memória. Vim ao Rio de Janeiro; sou do Sul, minha parte da família acabou se mudando para o Rio Grande do Sul após o falecimento de Getúlio.

Aproveitei a vinda ao Rio de Janeiro, nessa data tão emblemática e simbólica, para participar de outros eventos. Ontem tivemos uma missa solene em homenagem, na Fundação Getúlio Vargas, e amanhã haverá outra atividade no Museu da República. São vários eventos valorizando esse personagem que, até pouco tempo atrás, talvez não tivesse sido tão lembrado, inclusive nas últimas eleições, se falarmos de política.

Quero dizer a vocês que vim aqui de coração aberto. Esta é uma data muito significativa. Não é por acaso que vocês talvez não tenham ouvido falar

tanto de parentes ou descendentes de Getúlio se manifestando.

O tema da política invariavelmente acaba se tornando um certo tabu e, de alguma forma, doloroso em relação à data de 24 de agosto. Por isso, peço desculpas a todos, pois, para mim, essa não é uma data de celebração, mas de homenagem, em memória do meu bisavô, uma pessoa que conheci pelos livros de história.

Eu não estava vivo no dia 24 de agosto de 1954, e, sinceramente, não sei se gostaria de ter estado presente naquele dia.

Foi um dia extremamente doloroso para a família. Minha fala aqui é de improviso, e o Octávio me deu licença poética para falar livremente sobre o que considero significativo nessa data, em homenagem ao meu bisavô. Gostaria de falar sobre a família, um tema que os livros de história não abordam com tanta profundidade.

Conhecemos seus feitos, datas e a construção de um Brasil a partir da Revolução de 30, mas fomos nós, a família, que enfrentamos as consequências de seu ato de suicídio. E isso não é tão debatido. Como mencionei, minha parte da família foi a que voltou para o Sul após o falecimento de Getúlio. Quando me perguntam se sou bisneto de Getúlio Vargas, gosto de dizer que sou filho da Betina, neto do Maneco Vargas e bisneto de Getúlio Vargas.

Essas pessoas precisam, de certa forma, entender como se deu a construção e o desenrolar dos fatos após o suicídio. Vejo que isso é algo muito rico e, mais uma vez, reforço, pouco explorado.

Naquele fatídico 24 de agosto, meu avô e minha avó – Manuel Antônio Sarmanho Vargas e Vera Maria da Silva Tavares – eram recém-casados. Eles haviam se casado no Rio de Janeiro, em julho, na Igreja da Candelária, e foi uma cerimônia histórica: minha avó entrou na igreja ao lado do presidente Getúlio Vargas.

Naquela data, estavam ainda hospedados no Palácio do Catete. Todos sabem que o Brasil vivia um momento político extremamente complicado e instável, e Getúlio, de certa forma, foi encurralado, perdendo forças.



Juscelino Kubitschek e João Goulart no velório de Vargas no Palácio do Catete.

Ele percebeu que talvez não tivesse mais todas as possibilidades de reverter aquela situação.

A questão do suicídio em si, no momento em que Getúlio comete o ato, é que a família não estava diretamente ciente do que ocorreria. É importante mencionar isso, porque a filha que acompanhava Getúlio, Alzira Vargas, que tinha uma grande responsabilidade como auxiliar dele durante a Presidência, estava muito mais envolvida com os fatos políticos e tudo o que acontecia. Já meu avô era um filho dedicado à vida no campo. Estudou Agronomia e ficou responsável por cuidar da parte rural da família, razão pela qual decidiu retornar ao Rio Grande do Sul.

Getúlio, em um ato totalmente político, ainda é questionado por muitas pessoas quanto à legitimidade de sua decisão de tirar a própria vida. Há quem duvide, sugerindo que poderia ter sido uma questão de depressão ou outra circunstância que o levou a essa decisão. Alguns até me perguntam se Getúlio

realmente se suicidou, o que considero um pouco indelicado, e difícil de se lidar. Isso acaba minimizando, de certa forma, o pensamento estratégico e a genialidade de Getúlio ao optar por deixar uma carta-testamento e se tornar um mártir naquela ocasião.

Continuando a história que eu havia contado, meus avós estavam no Palácio do Catete no dia 24 de agosto de 1954. Após a morte de Getúlio, Alzira foi uma das primeiras a entrar no quarto, depois de ouvir o barulho do tiro. Meu avô também foi logo em seguida.

E, muito rapidamente, ali já se esperava que poderia haver uma comoção social muito grande. Então, existia um certo medo quanto à questão do corpo do Getúlio, quanto à questão de como iria ser realizado uma cerimônia fúnebre, de como a família poderia dar as devidas despedidas de chefe de Estado. Porque, naquela situação, Getúlio era contestado e se falava em corrupção. Enfim, era uma situação muito conturbada.



SUICIDOU-SE O SR. GETULIO VARGAS

O CHEFE DO GOVERNO DESFECHOU UM TIRO NO CORAÇÃO NOS SEUS APOSENTOS

Notícia de suicídio de Getúlio Vargas, publicada no jornal O Globo em 24 de agosto de 1954. O artigo contém uma fotografia de Vargas e um retrato de perfil dele. O título da notícia é 'SUICIDOU-SE O SR. GETULIO VARGAS' e o subtítulo é 'O CHEFE DO GOVERNO DESFECHOU UM TIRO NO CORAÇÃO NOS SEUS APOSENTOS'. O jornal é 'O GLOBO' e a edição é 'EXTRA'. Há também uma seção intitulada 'A NOTA OFICIAL' e 'A Carta deixada Pelo Presidente Vargas'.



Comoção nacional com a morte de Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954.

Então, o meu avô, com sua raiz gaúcha e ligação com o campo, decidiu, junto com o restante da família, levar o corpo do meu bisavô para São Borja, no Rio Grande do Sul. Foi uma decisão tomada rapidamente. Sabia-se que Getúlio tinha, em sua intimidade, o desejo de retornar a São Borja. Portanto, foi muito importante fazer essa singela homenagem a ele e conceder-lhe a possibilidade de descansar em sua terra natal.

A caminhada foi longa, como se pode observar pelas fotos e vídeos. Houve um cortejo fúnebre até o corpo de Getúlio ser levado ao avião, e a situação foi muito desafiadora na hora. Meu avô era um dos que carregavam o caixão, junto com Jango. Decidiu-se então levar o corpo de Getúlio a São Borja.

Desde então, a política continua sendo, como já mencionei, um tabu significativo. Com o tempo, algumas gerações se passaram e o trauma não é tão forte. Lembro-me de que, ao conversar com meu avô, ele era muito reservado. Era difícil falar sobre lembranças e aspectos de sua vida com seu pai, algo que a família respeitou.

A família optou por não explorar ainda mais um assunto que já foi muito revivido. Devido à importância de Getúlio na história do Brasil, é natural que as pessoas frequentemente façam perguntas sobre ele. Isso pode ser cansativo para os familiares. Portanto, é compreensível que a família se mantenha mais reservada, embora continue presente e manifeste suas homenagens de forma respeitosa, respeitando a nossa dor.

Eu gostaria de aprofundar um pouco mais no assunto, embora o nosso tempo seja curto. Eu nasci em 1990, e é interessante mencionar isso porque, entre os netos de Getúlio, temos quatro que o conheceram em vida, ainda muito novos, e quatro que nasceram após o seu falecimento. Meus tios, filhos do meu avô, Manuel Antônio Sarmanho Vargas, que era o filho mais jovem de Getúlio, nasceram depois desse momento.

Assim, houve uma certa separação, tanto geográfica, com a mudança para o Sul, quanto temporal, por não terem vivido diretamente aqueles eventos. No entanto, é difícil não considerar tudo o que meu avô transmitiu para nós. Digamos assim, a sabedoria dele como pessoa é algo que eu valorizo muito. Tenho um carinho especial ao lembrar da minha infância com ele. Ele costumava dizer e repetir uma frase de Getúlio, que nenhum homem pode escolher o dia em que nasce, mas pode escolher o dia de sua morte.

Essa era uma frase que meu avô repetia. Então, já na fase final de sua vida, próximo dos 80 anos, meu avô cometeu suicídio no dia 15 de janeiro de 1997. Assim, temos essa questão histórica.

Para aqueles que tentam imaginar os Vargas de alguma forma, é importante mencionar que nós não colhemos o bônus. Eu diria que o bônus em relação ao suicídio do Getúlio, quem colheu foi o Brasil. Mas depois eu poderia avançar em fatos históricos. Enfim, estou me sentindo muito à vontade aqui.

“

Nós não colhemos o bônus. Eu diria que o bônus em relação ao suicídio do Getúlio, quem colheu foi o Brasil.

A questão da elite brasileira, por exemplo, que remonta às raízes do Império, desde o colonialismo e nossa herança escravagista no Brasil. Darcy Ribeiro falava muito sobre isso. Era essa elite agrária, que detinha grande poder econômico, as oligarquias, que Getúlio decidiu enfrentar.

Embora Getúlio tenha vindo de uma origem nobre, sendo filho de um estancieiro influente na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, ele parece ter chegado ao momento certo na história do Brasil para assumir esse protagonismo. Saindo de São Borja com uma condição favorável para assumir o governo do estado do Rio Grande do Sul, ele aproveitou a disputa entre oligarquias para romper com a República Velha. Então, tudo acabou também, de certa forma, favorecendo.

Eu jamais vou reduzir o feito do meu bisavô. Ele conseguiu unir todos os recursos disponíveis naquele momento para conduzir o Brasil em direção a uma unificação, criando um sentimento de país unido. Promoveu a ideia de um estado-nação e um projeto de soberania, o que ia contra os interesses dessa elite.

Eu sinto muito orgulho em relação ao meu bisavô, que demonstrou ter consciência de classe. Ele entendia a necessidade do Brasil de se desenvolver e combater a desigualdade social, uma herança pesada que ainda carregamos. Um dos maiores dilemas do Brasil talvez seja superar essa desigualdade.

Naquela situação, Getúlio comprou a briga. Os livros de história relatam que ele foi um homem corajoso e valente, que pegou em armas e viajou até o Rio de Janeiro para tomar o poder. Naquela época, era assim que as coisas funcionavam, baseadas em uma forma de coronelismo.

Para concluir, eu diria que Getúlio contribuiu para o desenvolvimento do país, justamente indo contra essa elite que tem um interesse até hoje, que foi responsável por ter provocado o golpe de 64, em grande parte, com os interesses internacionais, de que o Brasil se apequenasse, de que o Brasil ficasse sempre subserviente aos países desenvolvidos.

O legado de Getúlio está presente. Podemos destacar que ele fez tudo o que estava ao seu alcance, até mesmo sacrificando a própria vida, para garantir a independência e a soberania do Brasil. Ele buscou promover mais justiça social e enfrentou as elites internas que, ainda hoje, exercem um forte poder e contribuem para manter o país em um estado de subdesenvolvimento.

Outra coisa que eu também sempre comento em relação à morte de Getúlio, é sobre a capacidade dele, naquela situação, de ter observado o clima que havia se instalado, visualizado à frente dele o que

que teria acontecido e como que ele poderia ter impedido.

Isso demonstra uma genialidade que poucos teriam naquela situação. É algo que devo completamente ao Getúlio, por sua capacidade de antever o que estava por vir e tentar, de certa forma, impedir. Tanto que ele conseguiu evitar o golpe militar por mais 10 anos, como já foi mencionado. Eu lamento... Evidentemente, não foi em vão; jamais gostaria de pensar que o suicídio de Getúlio tenha sido em vão. Mas ele não previu que haveria uma ditadura militar a partir de 1964. Getúlio fez o que pôde para impedir que esses interesses e grupos se estabelecessem no país, algo que infelizmente perdeu por 21 anos. Sabemos muito bem como essa história se desenvolveu. Enfim, não vou abrir para perguntas, senão acabaremos nos estendendo demais. Peço desculpas por ter me alongado tanto.

Foi um evento muito rico e que contribuiu muito, inclusive eu aprendi boas coisas aqui. Fico muito grato de ter vindo aqui.

Getúlio tinha um claro entendimento do processo de construção de uma nação, de um país caminhando para uma industrialização, para um desenvolvimentismo, para um modelo de país que pudesse nos colocar num poder, num poderio econômico muito mais representativo. O Getúlio entendia qual era o seu papel nesse processo e de que ele era o precursor disso.

Então, a partir daí, Getúlio traz essa noção de transformar o que ele desejava para o Brasil em uma ideia.

E é justamente com essa ideia, expressa na carta-testamento, que Getúlio deixa um grande ensinamento para o Brasil. É uma mensagem poderosa, que podemos contextualizar muito bem naquele momento, compreendendo os motivos por trás dos acontecimentos. Getúlio, naquele instante, não pensou na família, mas sim no Brasil. Foi isso que me trouxe aqui hoje. Eu tinha esse compromisso com meu bisavô. Afinal, são 70 anos. E o que eu jamais poderia permitir é que o suicídio e a morte do meu bisavô fossem em vão.

Essa é a mensagem que fica, e é assim que eu finalizo. O povo brasileiro tem condições, capacidade e autonomia. Nós somos donos do nosso próprio caminho. Eu acho que foi isso que Getúlio tentou nos transmitir. Sim, estamos vivendo momentos politicamente conturbados, mas cabe a nós, como povo brasileiro, garantir que a morte de Getúlio Vargas não tenha sido em vão. Que possamos honrar toda a magnitude e grandeza de Getúlio, colocando o Brasil em trilhos melhores, buscando um novo patamar e um novo projeto para o país.

É disso que se trata: não permitir que meu bisavô caia no esquecimento e dar continuidade a tudo o que ele havia planejado, como já foi muito bem mencionado aqui. Assim, encerro. Muito obrigado.



CARTA-TESTAMENTO DE GETÚLIO VARGAS

Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam; e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário-mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, e mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobras foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

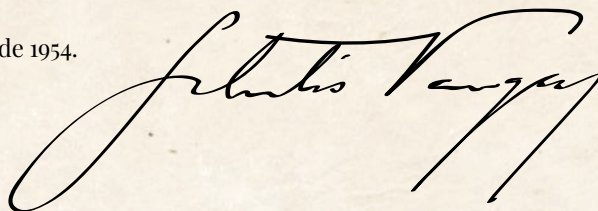
Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão.

E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas este povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço de seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1954.

A large, elegant handwritten signature in black ink, which reads "Getúlio Vargas". The signature is written in a cursive style with long, sweeping strokes, particularly in the first and last letters.

APOIO

Correio da Manhã

REALIZAÇÃO



Associação Brasileira de Imprensa